

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

BIANCA NAOMI DE LIMA

O *BULLYING* NOS FILMES DE ESCOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA  
CRÍTICA DA SOCIEDADE

MARINGÁ  
2022

BIANCA NAOMI DE LIMA

O *BULLYING* NOS FILMES DE ESCOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA  
CRÍTICA DA SOCIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
aprovação na disciplina *Trabalho de  
Conclusão de Curso*, do curso de  
Pedagogia, da Universidade Estadual de  
Maringá.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini  
Lunardelli.

MARINGÁ

2022

BIANCA NAOMI DE LIMA

O *BULLYING* NOS FILMES DE ESCOLA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA TEORIA  
CRÍTICA DA SOCIEDADE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
aprovação na disciplina *Trabalho de  
Conclusão de Curso*, do curso de  
Pedagogia, da Universidade Estadual de  
Maringá.

Orientação: Profa. Dra. Aline Frollini  
Lunardelli.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Aline Frollini Lunardelli

(Orientadora)

Universidade Estadual de Maringá

---

Profa. Dra. Márcia Vanessa Malcher dos Santos

Universidade Estadual de Maringá

---

Profa. Dra. Natalina Francisca Mezzari Lopes

Universidade Estadual de Maringá

## **AGRADECIMENTOS**

Pela conclusão desta fase da vida acadêmica, agradeço a minha família, em particular, meu pai Emerson, minha mãe Patricia e meus irmãos Leonardo e Breno. Que sempre acreditaram que eu poderia chegar até aqui, me incentivando financeira e emocionalmente durante todo o percurso escolar.

Também agradeço as minhas amigas, as que me acompanham desde antes e as que fiz na graduação, pela compreensão e suporte afetivo que deixaram os últimos 4 anos mais leves, somando com trocas de experiências.

Agradeço ao meu melhor amigo, agora, noivo Jefferson, pelo amor e companheirismo em todos os momentos e por zelar comigo os sonhos possíveis e impossíveis.

Agradeço a minha orientadora, professora Aline, cuja humanidade me inspirou desde o primeiro ano da Pedagogia, pelos seus conhecimentos e sua disposição para me ajudar sempre da melhor forma.

Por fim, agradeço às professoras Marcia e Natalina, por aceitarem fazer parte da banca para acrescentar seus saberes a este trabalho. E a todos/as os/as professores/as, da Educação Infantil ao Ensino Superior, que participaram significativamente na minha formação mesmo com todas as adversidades da profissão.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar como os filmes de escola representam o *bullying* e podem auxiliar o pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas preventivas e combativas dessa forma de violência. Para tanto, adotamos como referencial teórico os estudos de Adorno (1995), Adorno e Horkheimer (1985) e Crochick e Crochick (2017) a respeito da barbárie, da indústria cultural e do *bullying* escolar, respectivamente. Desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, descritiva e de abordagem qualitativa para analisar duas produções cinematográficas, a saber, *Extraordinário* e *Joe Bell*. Como resultado, concluímos que embora elas sejam produtos da indústria cultural podem se constituir como um meio para o pedagogo refletir criticamente o problema e planejar intervenções que visem sua prevenção e seu combate por meio de uma educação emancipadora que almeje a formação de cidadãos para contestação e resistência.

**Palavras-chave:** Teoria Crítica. Indústria Cultural. Cinema. *Bullying*. Pedagogia.

## ABSTRACT

The present study intends to investigate how school films represent *bullying* and can help the pedagogue in the development of preventive and combative pedagogical practices of this form of violence. To do so, we adopted as a theoretical framework the studies of Adorno (1995), Adorno and Horkheimer (1985) and Crochick and Crochick (2017) regarding barbarism, the cultural industry and school *bullying*, respectively. We developed a bibliographical, descriptive and qualitative research to analyze two cinematographic productions, namely, *Extraordinário* and *Joe Bell*. As a result, we conclude that although they are products of the cultural industry, they can constitute a means for the pedagogue to critically reflect the problem and plan interventions aimed at preventing and combating it through an emancipatory education that aims to train citizens to contest and fight against them resistance.

**Keywords:** Critical Theory. Cultural Industry. Movie theater. *Bullying*. Pedagogy.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	19
3.1 Caracterização da pesquisa.....	19
3.2 Procedimentos de coleta de dados .....	19
3.3 Procedimentos de análise de dados .....	23
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	25
4.1 A Teoria Crítica e o Cinema.....	25
4.2 Sinopses .....	26
4.3 Principais aspectos relacionados ao <i>bullying</i> retratados nos filmes.....	28
4.4 Análise do retrato do <i>bullying</i> no filme <i>Extraordinário</i> .....	29
4.5 Análise do retrato do <i>bullying</i> no filme <i>Joe Bell</i> .....	40
4.6 Os filmes como recurso do pedagogo para reflexão e desenvolvimento de estratégias específicas para lidar com o <i>bullying</i> .....	50
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a representação do *bullying* nos filmes de escola e sua contribuição para o enfrentamento dessa forma de violência pelo pedagogo. Isso porque entendemos que a educação escolar, como uma ação comprometida com a formação de cidadãos atuantes e críticos da sociedade em que estão inseridos, tem papel importante diante da problemática apontada. Nesta conjuntura, imaginamos que sejam diversos os meios pelos quais os profissionais da educação podem iniciar suas reflexões acerca do assunto, contudo, destacamos aqui as produções cinematográficas.

O interesse por pesquisar o tema surgiu a partir da participação no curso de extensão *Os “filmes de escola” e sua contribuição na formação em Pedagogia e licenciaturas em geral: uma aprendizagem divertida*<sup>1</sup>, no qual pudemos conceber o cinema como uma fonte para a análise dos múltiplos conflitos vividos nas instituições de ensino. *Escritores da liberdade* (2007) e *O grande desafio* (2007), por exemplo, são longas-metragens que retratam como a violência vivenciada pelos alunos pode ecoar negativamente nos seus processos de escolarização.

Aliado a isso, tem-se as discussões que fazemos no *Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Psicologia*<sup>2</sup> (GEPEP), a partir da Teoria Crítica da Sociedade, que nos auxiliam na reflexão acerca das questões objetivas e subjetivas presentes na formação humana. Sendo assim, nosso referencial teórico é composto por obras da teoria citada, tais como *Educação e emancipação* (ADORNO, 2020) e *A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), e os trabalhos de Crochick e Crochick (2017) que têm contribuído para ampliar a compreensão dos fatores sociais e psicológicos associados ao *bullying*.

Olhando para o histórico do *bullying*, Fante (2018), bem como Silva (2015), constata que os primeiros critérios para identificá-lo de forma específica, diferenciando-o das demais violências, foram desenvolvidos na Universidade de

---

<sup>1</sup> Ministrado pelos professores doutores Raymundo de Lima e Márcia Vanessa Malcher dos Santos, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), de junho a julho de 2020.

<sup>2</sup> Coordenado pela professora doutora Aline Frollini Lunardelli, da UEM, e vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o GEPEP opera desde 2018 e conta com a participação de acadêmicos dos mais diversos cursos.

Bergen, Noruega, pelo pesquisador Dan Olweus que, motivado pelos episódios de maus-tratos nas escolas amplamente divulgados pela mídia norueguesa na década de 1980, apresentou intervenções a partir dos resultados de seus estudos. Para ele, os dados dos demais países, tais como Estados Unidos e Japão, apontavam para uma presença também significativa em seus territórios.

Segundo Rocha (2020), o termo em inglês *bullying*, adotado no Brasil e em diversos países, deriva do adjetivo, de mesma origem, *bully* que, traduzindo, significa valentão, tirano. Por isso, é utilizado “[...] para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão [...]” (FANTE, 2018, p. 27). A mesma conceituação pode receber diferente nomenclatura em outros países, a autora cita exemplos como *mobbing*, utilizado na Noruega e Dinamarca, e *yjime*, japonês.

Dessa forma, a definição de *bullying* é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. [...] O desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores dos ataques (FANTE, 2018, p. 28).

Baseada nas explicações de Dan Olweus, Fante (2018) expõe que é comum haver algum tipo de conflito na sala de aula de uma turma, porém, se for notado um tipo de violência caracterizado pela ocorrência de agressões físicas e/ou psicológicas entre indivíduos em diferentes níveis de poder se repetindo por um dado período ele é entendido como *bullying*, logo, deve ser dissociado de comportamentos de maus-tratos ocasionais. Embora nosso foco esteja no ambiente escolar, alertamos que o *bullying* também pode ocorrer além dos portões desse, nas intermediações, em outros espaços sociais, como trabalho ou casa, e até mesmo no ambiente virtual (denominado *cyberbullying*).

Compreendemos que tal fenômeno acarreta traumas para todos os envolvidos, como exemplo, Fante (2018) cita o desenvolvimento de condutas delinquentes para os agressores e a baixa autoestima para as vítimas. Segundo a autora, eles podem sofrer até mesmo em períodos posteriores à experiência escolar, tendo prejuízos nas relações profissionais e pessoais, bem como na sua saúde física. Há ocasiões em que o *bullying* se torna caso de suicídio ou homicídio, o que evidencia ainda mais os danos dessa violência para a sociedade.

Dessa forma, firmamos que o *bullying* é um mal a ser enfrentado e, conforme indicam Silva et al. (2017), há esforços para isso. Em seu estudo, os autores apresentam uma revisão sistemática da literatura sobre intervenções *antibullying* em escolas a qual indicou práticas que reduziram (ou não) a ocorrência do fenômeno, apontando, assim, subsídios para novas ações de combate. Apesar dos programas interventivos, ainda é possível identificar justificativas do *bullying* escolar como uma simples e natural brincadeira.

Considerando isso, entendemos que os integrantes da vida escolar devem se mobilizar no sentido de criarem novos caminhos para refletir, prevenir e vencer as situações hostis. Neste cenário, destacamos a figura do pedagogo, visto que é o responsável pelas

[...] funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006, *on-line*).

Então, o profissional formado no curso de licenciatura em Pedagogia pode exercer cargos nos mais variados segmentos de ensino, como docente ou gestor, logo, sendo permitido atuar nas ocorrências de *bullying*. Além disso, acrescenta-se o fato que Passamani e Galuch (2016, p. 3) chamam atenção: da “[...] necessidade de a escola atuar no sentido de contribuir para a elevação do nível de consciência dos estudantes e, por conseguinte, da consolidação de uma educação realmente inclusiva, contrária à segregação e exclusão [...]”.

O pedagogo pode dispor de diferentes alternativas didático-pedagógicas para auxiliá-lo a dimensionar o problema, tais como questionários, dinâmicas, filmes, leituras, dramatizações e rodas de conversa, apresentadas no texto de Passamani e Galuch (2016). Essas autoras apresentam resultados de intervenções de combate ao preconceito e *bullying* que realizaram com alunos do 6º ano do ensino fundamental de um colégio estadual da Cidade Gaúcha-Paraná por meio do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), demonstrando que os recursos utilizados proporcionaram a reflexão e a conscientização frente a problemática.

Já Rocha (2020), no seu artigo, deu enfoque ao cinema como recurso para tratar o tema *bullying*, pesquisando de que forma ele pode ser integrado no currículo e cumprir, assim, as exigências da lei 13.185 que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) no Brasil. Para tanto, a autora indica a criação de

“[...] cineclubes (espaços de produção, exibição e discussão) [...] nas escolas [...], de modo que os professores [...] possam [...] utilizar a linguagem cinematográfica em suas atividades [...]” (ROCHA, 2020, p. 314). Ela conclui que, embora não seja uma tarefa fácil, o docente deve integrar as tecnologias digitais emergentes da nova geração, considerando a legislação e, conseqüentemente, inovando suas ações educativas.

Teruya e Carvalho (2012) refletiram sobre crimes e *bullying* na escola também pelas lentes do cinema. Com base na descrição e na análise de duas produções que tratam sobre o assunto, a saber, o filme *Um grande garoto* e o documentário *Tiros em Columbine*, as autoras confirmam o potencial das mídias no desenvolvimento do pensamento crítico acerca das narrativas dessas violências, pois ajudam a “[...] compreender e distinguir a fantasia da realidade, desde a tenra idade, a fim de desconstruir o discurso midiático que camufla os objetivos do capitalismo, cujo foco se restringe em ter ao invés de ser” (TERUYA; CARVALHO, 2012, p. 47).

Ainda, as autoras afirmam, pautando-se na perspectiva dos estudos culturais, que as mensagens transmitidas influenciam na formação cultural das crianças telespectadoras, visto que também podem disseminar a ideologia das classes detentoras do poder que almejam a configuração de um sujeito passivo pela apresentação de um personagem com o qual ele se identifica, para, dessa forma, controlar sua subjetividade.

De modo semelhante, Santos (2009) partiu da análise de dois filmes, *Nunca fui beijada* e *Bang, bang! Você morreu*, para verificar como o cinema retrata o *bullying* na instituição de ensino e como isso pode contribuir na conscientização e na mudança de posturas dos agentes escolares. Como método, a autora realizou observação participante e pesquisa-ação junto aos educadores, gestores e alunos de uma escola pública de Marília-São Paulo. Por fim, ela constatou que as produções cinematográficas proporcionam o fomento da criticidade, conduzindo o público da escola às ações transformadoras da violenta realidade social pelo reconhecimento de suas próprias atitudes, antes não vistas como agressivas.

Apesar dos estudos citados acima se dedicarem à análise da contribuição de ficções fílmicas sobre *bullying* nas práticas pedagógicas de superação dos confrontos em que essa violência está presente, em um levantamento preliminar realizado nos meses de fevereiro, março e abril de 2021 pelo *Google Acadêmico*, percebemos que

ainda não existiam pesquisas partindo do foco no trabalho do pedagogo e da fundamentação teórica que escolhemos.

Além disso, em uma busca exploratória no banco de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) da Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá<sup>3</sup> – nosso contexto – são poucos os TCCs que se debruçaram sobre a temática nos últimos anos e nenhum deles aparenta ter feito relação com as obras do cinema. Conforme Fante (2018, p. 46), em comparação com os outros países, “no Brasil, o *bullying* ainda é pouco comentado e estudado, motivo pelo qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo [...]”.

Por essa razão, este trabalho apresenta a seguinte pergunta de pesquisa: **Como os filmes de escola representam o *bullying* e podem auxiliar o pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas preventivas e combativas dessa forma de violência?**

Os filmes de escola são aqui entendidos como um gênero cinematográfico, tal como o drama, a comédia, o romance e outros tantos, que contam histórias que se passam no ambiente educativo, seja ele escola, universidade etc., incluindo todos os assuntos que o permeiam. Acreditamos que o cinema, ao representar imagens da sociedade, tem muito a contribuir com a postura reflexiva e ativa que buscamos na escola.

Por isso, inferimos que o pedagogo, possivelmente, pode utilizar os filmes de escola sobre *bullying* de forma a assumir uma atitude questionadora perante a trama assistida e, assim, por meio do conhecimento estético, simbólico e social adquirido, aprimorar as suas práticas ao lidar com episódios reais. Ou seja, os filmes também podem favorecer diálogos sobre o tema, dando voz a diferentes atores sociais que estão na escola.

Além das instituições familiares, escolares e religiosas, temos a influência da mídia, tanto pela televisão quanto pelas redes sociais, na constituição de quem somos. Concordamos com Patto (2013, p. 312), de que é possível usufruir dessa tecnologia como recurso educativo, desde que ela contribua “[...] para a formação cultural ao veicular o melhor da produção espiritual nos campos da filosofia, das ciências e das artes, de modo a interessar o grande público”. Ou seja, a relação entre

---

<sup>3</sup> Os TCCs podem ser consultados em: <<http://www.dfe.uem.br/tcc/pedagogia/arquivos-tcc-pedagogia-2010-2020>>.

cinema e educação proporcionaria uma formação pela e para a reflexão mediante ações intencionais e sistematizadas dos professores em instituições educativas com seus alunos.

Fante (2018) reforça que o *bullying* se constitui como um fenômeno presente em todas as escolas, independente das suas características, sendo, então, uma realidade inquestionável. Ainda assim, segundo a autora, os educadores não estão preparados para lidar com situações da referida violência. Inferimos que isso se deve ao fato de que o tema, conforme apontam Ventura, Vico e Ventura (2016), não tem a devida atenção nos programas de disciplinas das instituições formadoras de docentes, incluindo os pedagogos, sendo assim pouco discutido na academia.

A partir de 1970, o *bullying* ganhou uma maior preocupação por parte da sociedade e se tornou um objeto de estudo dos pesquisadores da educação. Por conta disso, “especialistas e educadores de todo o mundo, com o apoio de instituições públicas e privadas, têm proposto às autoridades educacionais a criação de programas especiais de combate e prevenção ao *bullying* nas escolas” (FANTE, 2018, p. 82). No entanto, a autora pontua que não existe uma receita pronta para solucionar o problema, dada a particularidade de cada contexto, logo, a superação somente se daria mediante o envolvimento de toda a comunidade escolar.

Entendemos que os filmes podem colaborar para conduzir os telespectadores ao pensamento reflexivo e crítico, até mesmo aqueles com o puro interesse comercial, assim como demonstrado nas pesquisas de Passamani e Galuch (2016), Rocha (2020), Santos (2009) e Teruya e Carvalho (2012). Todavia, como dito em momento anterior, percebemos que ainda não existem pesquisas que relacionem cinema e educação, que enfatizem o trabalho do pedagogo em situações de *bullying* e que partem da fundamentação teórica que adotamos. Consideramos ser fulcral que profissionais da área da educação, em especial, pedagogos, produzam conhecimento científico problematizando esse fenômeno, por isso, pretendemos colaborar com o debate acerca do tema.

Além disso, sabendo dos desafios que atravessam a ação docente, este trabalho pode cooperar com a nossa futura atuação profissional em diferentes situações que exijam uma postura pautada em uma fundamentação teórica que vise “uma cultura que permita reflexões que vislumbrem modificações sociais, que não negue contradições sociais e conflitos psíquicos existentes, precisa de conceitos, imagens, ideias que tentem expressá-los” (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 15).

Assim sendo, esta pesquisa tem como **objetivo geral** investigar como os filmes de escola representam o *bullying* e podem auxiliar o pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas preventivas e combativas dessa forma de violência. E como **objetivos específicos**: a) conceituar o *bullying* a partir dos estudos de Crochick e Crochick (2017), b) analisar como o *bullying* é representado em determinados filmes de escola e c) sistematizar de que maneira os filmes de escola podem ser utilizados pelo pedagogo como recurso educativo para reflexão e desenvolvimento de estratégias específicas para lidar com o *bullying*.

Após esta breve introdução, apresentaremos a seguir o referencial teórico, a metodologia, os resultados e discussão e, por fim, as considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme enunciado na introdução, nesta pesquisa nos fundamentamos na Teoria Crítica da Sociedade, vertente de base marxista e freudiana desenvolvida a partir dos anos de 1930 que, em seu cerne, buscou entender os aspectos sociais e psíquicos que impedem a emancipação social. Ela, também conhecida como Escola de Frankfurt (cidade alemã), foi resultado do trabalho de Max Horkheimer na direção do Instituto de Pesquisa Social, ao lado dos pensadores Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Leo Löwenthal e Friedrich Pollock.

A filosofia construída por esta teoria trazia consigo as características de um contexto histórico marcado por duas grandes guerras, ascensão de regimes totalitários e alastramento do sistema capitalista. Por essa razão, os pesquisadores almejavam, por meio de suas proposições, uma mudança social, na qual a exploração não predominaria nas relações humanas.

Continuamente desafiados por acontecimentos históricos catastróficos, os frankfurtianos da “primeira geração” lançaram mão tanto das reflexões filosóficas como de investigações empíricas, tematizando sempre as relações entre a vida material, a cultura e a subjetividade (MAIA; SILVA; BUENO, 2017, p. 29).

Elucidamos, dessa maneira, que o objetivo dessa escola foi realizar um estudo social que leva em consideração a totalidade e as relações dos fenômenos sociais, econômicos, psicológicos e culturais da sociedade. Neste trabalho, fizemos o recorte nos pensamentos de Adorno (2020) e Adorno e Horkheimer (1985).

Theodor Wiesengrund Adorno nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha, no dia 11 de setembro de 1903. Em sua trajetória acadêmica, estudou Filosofia, Sociologia, Psicologia e Musicologia e toda essa bagagem intelectual permitiu, segundo Zuin, Pucci e Lastória (2015), o fortalecimento do conhecimento também de outras áreas, como a Educação e o Cinema. Em suas obras, ele combateu a ideia de que os sistemas filosóficos revelam a profundidade do real, entendendo, pelo contrário, que eles podem inclusive mascarar aspectos da realidade.

Logo na introdução do livro de Adorno (2020), Maar (2020, p. 11) afirma que “a educação não é necessariamente um fator de emancipação”, isso porque a crítica que o autor alemão faz é que inclusive a ciência pode contribuir para a manutenção, por exemplo, dos regimes totalitários e da violência. Assim, essa ciência pode trabalhar como instrumento ao lado da barbárie, não favorecendo a promoção de uma

educação emancipadora e que revela “[...] o conflito como contradição, possibilitando convertê-lo em base de uma experiência formativa” (MAAR, 2020, p. 13).

Até porque, hodiernamente, com o avanço das mais diversas tecnologias científicas e, por conseguinte, do progresso material, é estranho pensar que ainda há indivíduos em situação de extrema miséria. Por isso que Maar (2020, p. 15) concentra o problema no “[...] confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções ‘racionalis’”. Ou seja, o sistema capitalista ao mesmo tempo que incentiva inovações que qualificam a vida, por sua estrutura competitiva e desigual, não permite que todos usufruam delas.

O livro de Adorno (2020), em que nos apoiaremos neste trabalho, reúne registros de suas palestras e entrevistas na rádio e cabe ressaltar essa característica em razão da distância entre a palavra falada e a palavra escrita destacada no prefácio por Kadelbach (2020, p. 8): “[...] uma documentação acerca dos esforços práticos de um teórico [...]”. Apontando para o empenho do autor em ser essencialmente compreendido, para além dos textos científicos que, apesar do rigor, eram considerados engessados nesse sentido.

Nascido em 14 de fevereiro de 1895, o também alemão Max Horkheimer, já na condição de universitário, estudou Filosofia, Psicologia e Economia Política. Sua persistente inquietude, narrada por Maia, Silva e Bueno (2017), perante às injustiças sociais de seu tempo o fez se aproximar do marxismo, ao qual propôs atenção à pesquisa empírica, colocando em voga questões práticas urgentes para a emancipação humana.

Adorno e Horkheimer (1985) estabelecem críticas à transformação da razão iluminista em razão instrumental. Para eles, essa última não está comprometida com a crítica ou a verdade, ela converte-se em funcionalidade, em técnica. Isso porque o funcionamento industrial, lucrativo e eficiente tornou-se um fetiche que tem valor em si mesmo. O desenvolvimento tecnológico fica à mercê do poder exercido pelos detentores dos meios de produção, não gerando frutos que sirvam para toda a sociedade.

No contexto capitalista, o poder do homem sobre a natureza é diretamente proporcional ao domínio sobre as massas, logo, o indivíduo é reduzido ao controle, a uma coisa – pelo processo de coisificação. Neste contexto, o fenômeno da industrialização trouxe consigo uma economia baseada no consumo de bens, sendo

assim, a cultura passa a ser vista como produto, sendo fabricada em série para atender as demandas do mercado e promovendo a pseudoformação.

O entretenimento gerado por essa cultura produzida, para Adorno e Horkheimer (1985, p. 119), impede que os homens sejam capazes de tomar decisões conscientes, pois “divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado”, sendo possível que situações bárbaras sejam protagonizadas, exibidas e até mesmo naturalizadas.

Neste sentido, ganha espaço o que os autores conceituam como Indústria Cultural, que representa os maiores veículos de comunicação, como cinema, rádio e televisão, e opera pela disseminação de uma forma de pensar e de agir, replicando produtos que não estimulam a reflexão crítica e, portanto, moldam o comportamento da população para a alienação. Por essa razão, Adorno e Horkheimer (1985, p. 119) discorrem que “quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as [...]”.

Em síntese, Maar (2020, p. 21) expõe:

A indústria cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural, pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inocula nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo, à situação vigente.

A indústria cultural é um conceito fundamental neste trabalho e entendemos que possa parecer contraditório utilizá-lo para analisar os fins formativos de um produto (filme) dela, que pode se configurar alienante a favor do comportamento coletivo cego. Mas, ressaltamos, em conformidade com Loureiro (2010, p. 66, grifo do autor):

O sujeito constitutivo do filme, para Adorno, é um *nós* fundado nos esquematismos da indústria. A chance de um filme se tornar um produto emancipado reside no esforço de se romper com esse *nós*, isto é, com o caráter coletivo *a priori* (inconsciente e irracional) e colocá-lo a serviço da intenção iluminista: autorreflexão crítica sobre si mesmo.

É por meio da promoção de experiências formativas que seria viável a superação desta alienação, nas quais o objeto seria confrontado com seu próprio limite. Especificamente nesta pesquisa, levantamos a limitação dos filmes sobre

*bullying*, enquanto parte da indústria cultural, ao passo que ponderamos aspectos de formação possíveis pela análise crítica de como os pedagogos podem se valer deles como recurso de reflexão, tendo em vista a prevenção e combate da violência em questão.

Outro conceito focado aqui será o de barbárie como representativo da violência. Adorno (2020) aponta que o clímax dela foi o genocídio de pessoas não-arianas cometido pelo regime nazista na Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial. E, para ele, toda a educação deve dirigir-se para que situações como a dos assassinatos de milhares de inocentes no campo de concentração de Auschwitz não se repitam.

De acordo com o autor, há a constante ameaça de regressão à barbárie, um “[...] sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas” (ADORNO, 2020, p. 129). Inclusive, baseado nas ideias da psicanálise de Freud, Adorno (2020) afirma que a própria civilização, por sua estrutura, cria e estimula aquilo que é anticivilizatório. Isso, a título de exemplo, se revela nas tentativas de minimização do horror planejado pelo nazismo como algo acidental do percurso histórico, quando pelo contrário, ele não foi um caso particular que precisa ser superado e esquecido, mas sim suscitar reflexão do ponto de vista social e subjetivo, pelo campo da psicologia, com o objetivo de reconhecer os mecanismos que permitem com que as pessoas sejam capazes de cometer atrocidades como as do holocausto.

Neste contexto, Adorno (2020) aponta que a educação que tem como base de sustentação a severidade e a disciplina perpetua tal indiferença contra a dor em geral.

O conhecimento desses mecanismos é uma necessidade; da mesma forma também é o conhecimento da defesa estereotipada, que bloqueia uma tal consciência. Quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim já está defendendo o que ocorreu, e, sem dúvida, seria capaz de assisti-lo ou colaborar com ele se tudo acontecesse de novo (ADORNO, 2020, p. 147).

O autor chama atenção para a frieza que impera nas relações humanas no atual tipo de sociedade, que faz com que as pessoas não se compadeçam com o que acontece com todas as outras. A exemplo do que aconteceu em Auschwitz, em que houve a incapacidade de identificação com o outro, eram pessoas comuns assistindo e/ou colaborando com a morte de pessoas comuns. Por isso, defendemos que “a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão

crítica” (ADORNO, 2020, p. 132), para que possamos reconhecer e resistir ao que há de bárbaro em nós.

Ademais, nossos dados foram analisados à luz dos estudos de Crochick e Crochick (2017).

José Leon Crochick e Nicole Crochick são pesquisadores brasileiros da área da Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Ambos, amparados pelas ideias dos autores da Escola de Frankfurt, apresentam uma perspectiva a respeito do *bullying*, auxiliando na compreensão da sua especificidade e no desenvolvimento de mecanismos para lidar com ele.

Em seu livro, de título *Bullying, preconceito e desempenho escolar*, Crochick e Crochick (2017, p. 95) objetivaram “[...] estudar a violência escolar, expressa no *bullying* e no preconceito, e refletir sobre alguns de seus possíveis determinantes: as hierarquias escolares, a defesa de uma ideologia autoritária, a autonomia frente à autoridade do professor”. Para tanto, realizaram pesquisas entre os anos de 2010 e 2014 com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental I de quatro escolas públicas no município de São Paulo. Com base nos resultados obtidos, os autores verificaram a necessidade de enfrentar as hierarquias baseadas no desempenho escolar e popularidade que estruturam as agressões vivenciadas no espaço educacional.

O fenômeno *bullying* estudado por Crochick e Crochick (2017) é uma violência, mas diferente da violência abordada por Adorno (2020) em outro momento histórico. Embora não sejam a mesma, é preciso salientar que ela mantém condições sociais, econômicas, objetivas e, portanto, subjetivas também, semelhantes em nossa sociedade e tempo.

Apesar dos filmes de escola sobre *bullying* não serem uma temática abordada diretamente pelos autores que fundamentam este trabalho, acreditamos que seus estudos auxiliam na compreensão deles como um meio para o pedagogo traçar caminhos de prevenir e combater o fenômeno. Destarte, a utilização desta teoria não tem a intenção de estabelecer relação de causa e efeito, nem poderia, o que buscamos é revitalizar o pensamento dos filósofos alemães pela análise crítica de cenas selecionadas.

### 3 METODOLOGIA

Com o objetivo de investigar como os filmes de escola representam o *bullying* e podem auxiliar o pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas preventivas e combativas dessa forma de violência, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica, descritiva e de abordagem qualitativa.

#### 3.1 Caracterização da pesquisa

De acordo com Gil (2017), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, no nosso caso, foram as fontes audiovisuais. A vantagem deste tipo de pesquisa é o acesso do pesquisador a uma série de fenômenos mais ampla do que geralmente poderia estudar de modo direto. Para Lima e Mito (2007, p. 38), ainda, esta modalidade de pesquisa “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Ademais, nossa pesquisa também é descritiva, uma vez que fez a descrição das características de determinado fenômeno, o *bullying*, nos filmes de escola. Entretanto, como os dados coletados não falam por si próprios, analisamos a temática para ir além, para averiguarmos de que forma a experiência do cinema pode contribuir como recurso de apoio ao trabalho do pedagogo nas situações em que tal forma de violência se faça presente.

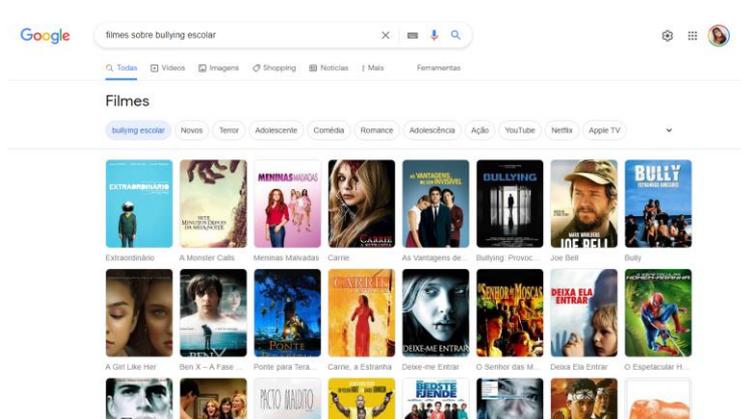
Para tanto, compreendemos que a análise e a interpretação dos dados devem ser feitas dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa, pois, em conformidade com Gomes (2016, p. 72), “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”. De acordo com o autor, essa é a fase final da pesquisa, em que relacionamos as partes dos dados que decompomos e buscamos os sentidos que elas trazem tendo em vista nossos objetivos.

#### 3.2 Procedimentos de coleta de dados

A nossa fonte para a coleta de dados foram os filmes de escola que abordam o *bullying*, contudo, dada a natureza deste estudo no âmbito da iniciação científica,

selecionamos apenas uma pequena amostra de todo o arsenal existente na cultura fílmica. Em um primeiro momento, buscamos, no mês de março de 2022, as palavras-chave “filmes sobre *bullying* escolar” na ferramenta de pesquisa *Google*.

Figura 1 – Captura de tela da busca no *Google*



Fonte: da própria autora.

Como resultado, nos deparamos com 57 produções cinematográficas, em ordem alfabética:

Quadro 1 – Resultado da primeira seleção

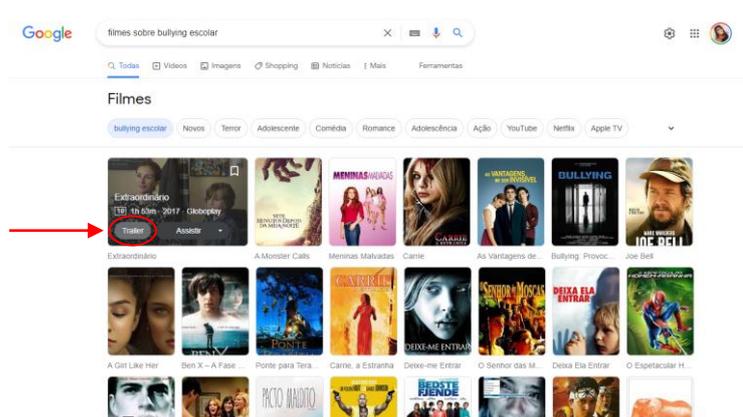
<b>PRIMEIRA SELEÇÃO</b>
<b>Título (Ano)</b>
<i>A Brave Heart: The Lizzie Velasquez Story</i> (2015)
<i>A Final</i> (2010)
<i>A Friend to Die For</i> (1994)
<i>A Girl Like Her</i> (2015)
<i>A Maldição de Carrie</i> (1999)
<i>A Monster Calls</i> (2016)
<i>Amizade Desfeita</i> (2014)
<i>As Vantagens de Ser Invisível</i> (2012)
<i>Audrie &amp; Daisy</i> (2016)
<i>Bang, Bang! Você Morreu!</i> (2002)
<i>Ben X – A Fase Final</i> (2007)
<i>Blackbird</i> (2012)
<i>Bully</i> (2001)
<i>Bullying: Provocações sem Limites</i> (2009)
<i>Carrie</i> (2002)
<i>Carrie</i> (2013)
<i>Carrie, a Estranha</i> (1976)
<i>Central de Inteligência</i> (2016)
<i>Christine, o Carro Assassino</i> (1983)
<i>Contest</i> (2013)
<i>Covardes</i> (2008)
<i>Cuidado com Meu Guarda-Costas</i> (1980)
<i>Deixa Ela Entrar</i> (2008)
<i>Deixe-me Entrar</i> (2010)

<i>Depois de Lúcia</i> (2012)
<i>Distúrbio</i> (2009)
<i>Elefante</i> (2003)
<i>Em um Mundo Melhor</i> (2010)
<i>Extraordinário</i> (2017)
<i>Forrest Gump - O Contador de Histórias</i> (1994)
<i>Friend Request</i> (2016)
<i>Inimigos Para Sempre</i> (1996)
<i>It</i> (1990)
<i>Joe Bell</i> (2020)
<i>Karatê Kid - A Hora da Verdade</i> (1984)
<i>Kes</i> (1969)
<i>Meninas Malvadas</i> (2004)
<i>Meu Nome é Taylor, Drillbit Taylor</i> (2008)
<i>Moonlight: Sob a Luz do Luar</i> (2016)
<i>My Good Enemy</i> (2010)
<i>O Espetacular Homem-Aranha</i> (2012)
<i>O Jovem Törless</i> (1966)
<i>O Senhor das Moscas</i> (1990)
<i>O Silêncio de Melinda</i> (2004)
<i>Ondskan</i> (2003)
<i>Os Desconectados</i> (2012)
<i>Os sujos</i> (2013)
<i>Ponte para Terabítia</i> (2007)
<i>Quando Se Tem 17 anos</i> (2016)
<i>Quase um segredo</i> (2004)
<i>Quatro Amigas e um Casamento</i> (2012)
<i>Sala Samobójców</i> (2011)
<i>Slaughter High</i> (1986)
<i>Te Pego Lá Fora</i> (1987)
<i>The Class</i> (2007)
<i>Tiros em Columbine</i> (2002)
<i>Um Grito de Socorro</i> (2013)

Fonte: elaborado pela própria autora.

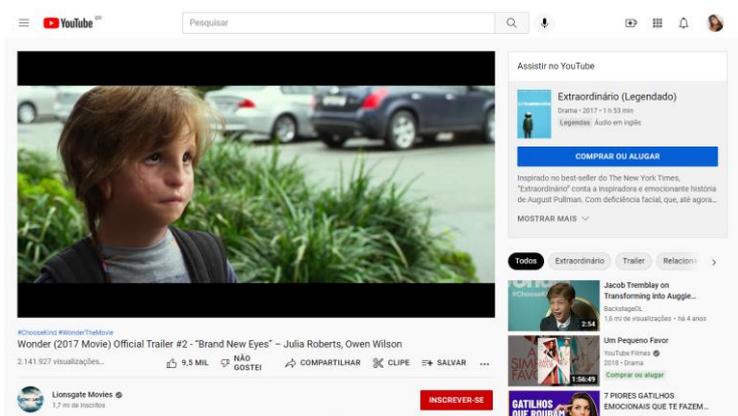
Adiante, no próprio *Google* encontramos um recurso que recomenda os *trailers*, sendo assim, assistimos a todos aqueles que apareceram nessa opção, excluindo os filmes que não tinham o *link* e aqueles que não apresentavam no vídeo uma situação de *bullying* escolar vivida por um aluno.

Figura 2 – Captura de tela do *link* do *trailer*



Fonte: da própria autora.

Figura 3 – Captura de tela do *link* acessado



Fonte: da própria autora.

A partir desse critério, diminuimos o total para 12 filmes, dos quais também retiramos aqueles que não foram lançados nos últimos 5 anos:

Quadro 2 – Resultado da segunda e terceira seleção

SEGUNDA SELEÇÃO	TERCEIRA SELEÇÃO
Título (Ano)	Título (Ano)
<i>A Girl Like Her</i> (2015)	
<i>A Monster Calls</i> (2016)	
<i>Carrie</i> (2013)	
<i>Carrie, a Estranha</i> (1976)	
<i>Central de Inteligência</i> (2016)	
<i>Em um Mundo Melhor</i> (2010)	
<i>Extraordinário</i> (2017)	<i>Extraordinário</i> (2017)
<i>Joe Bell</i> (2020)	<i>Joe Bell</i> (2020)
<i>Meu Nome é Taylor, Drillbit Taylor</i> (2008)	
<i>Ondskan</i> (2003)	
<i>Quando Se Tem 17 anos</i> (2016)	
<i>Um Grito de Socorro</i> (2013)	

Fonte: elaborado pela própria autora.

Dessa forma, os filmes que compuseram nossa análise foram *Extraordinário* (2017) e *Joe Bell* (2020).

Primeiramente, assistimos rapidamente os materiais audiovisuais selecionados com o intuito de localizar retratos de casos de *bullying*. Adiante, vimos, novamente, os filmes com o intuito de confirmar a existência de conteúdos pertinentes à pesquisa. “Nessa avaliação devemos verificar se o material disponível: (a) revela qualidade, principalmente, quanto à impressão e à clareza dos registros; (b) e é suficiente para a análise” (GOMES, 2016, p. 74). O próximo momento consistiu em definir as cenas que, de fato, utilizamos para a análise que pretendemos realizar.

Enfim, efetuamos relação com os estudos de Adorno (1995), Adorno e Horkheimer (1985) e Crochick e Crochick (2017), de modo a atingir os objetivos propostos.

### 3.3 Procedimentos de análise de dados

A análise de como o *bullying* é representado nos filmes de escola foi feita após a construção de um roteiro de observação com critérios importantes para discussão da temática. O preenchimento desse roteiro se deu mediante a ação de assistir por completo e repetitivamente tais filmes.

Quadro 3 – Roteiro de observação dos filmes

TÍTULO:		
CRITÉRIOS		OBSERVAÇÕES
A situação de <i>bullying</i> é foco do desenvolvimento do filme?	( ) Sim ( ) Não	
Qual tipo de violência sofrida no <i>bullying</i> ?	( ) Física ( ) Psicológica ( ) Ambas	
Faixa etária aproximada do personagem principal quando sofre <i>bullying</i>	( ) 0 a 5 anos ( ) 6 a 10 anos ( ) 11 a 14 anos ( ) 15 a 17 anos ( ) Mais de 18 anos	
Etapa escolar aproximada do personagem principal quando sofre <i>bullying</i>	( ) Educação Infantil ( ) Ensino Fundamental I ( ) Ensino Fundamental II ( ) Ensino Médio	
A vítima reage ao <i>bullying</i> de que forma?	( ) Expressa tristeza ( ) Expressa raiva ( ) Desabafa a alguém	

	( ) Outro sentimento ou ação	
Algum integrante escolar interviu na situação de <i>bullying</i> ?	( ) Sim ( ) Não	
A vítima teve suporte de algum familiar ou amigo?	( ) Sim ( ) Não	
No final, há mudança de comportamento por parte dos agressores?	( ) Sim ( ) Não	

Fonte: elaborado pela própria autora.

Como fase final da pesquisa, com o amparo da fundamentação teórica adotada, fizemos indicações de possibilidades de uso dos filmes como recurso do pedagogo para a compreensão do fenômeno e para se pensar práticas pedagógicas preventivas e combativas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 A Teoria Crítica e o Cinema

Embora Theodor Adorno não tenha desenvolvido uma teoria estética para o cinema, Loureiro (2010) defende que as reflexões ao longo de sua obra podem contribuir para se pensar o tema com outros elementos filosóficos, a partir da Teoria Crítica, contemplando desde a produção até a apreciação.

Como já dito, pode parecer estranho que Adorno considere a potencialidade do cinema, já que, segundo ele mesmo, essa área estava inserida na indústria cultural por sua técnica de auto reprodutibilidade, contudo, seu interesse foi despertado ao ter conhecimento do movimento Novo Cinema Alemão nos anos de 1960. Neste contexto, de acordo com Loureiro (2010), Adorno foi influenciado e também influenciou no debate sobre a possibilidade de o cinema ser uma arte autônoma.

Loureiro (2010) chama atenção para a tendência do discurso acadêmico de considerar Adorno um pessimista em relação ao cinema em contraposição ao caráter otimista de Walter Benjamin. E, de fato, havia divergência de ideias entre eles, principalmente a respeito do texto *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936) de Benjamin, porém, para ambos, a arte (de uma forma ou outra) se relaciona com o presente histórico.

No que se refere ao grande alcance da relação das massas com o cinema, Benjamin não considera a dialética da racionalização da arte autônoma. Ele leva em consideração apenas a arte mecanicamente produzida. Por sua vez, Adorno, no ensaio *Sobre o caráter fetichista da música e a regressão da audição*, tem em conta o momento de negatividade que ele considera ter sido suprimido no ensaio de Benjamin (LOUREIRO, 2010, p. 60, grifo do autor).

As críticas que atingem Adorno acerca do seu “pessimismo” frente ao cinema encontram suporte até mesmo em seus escritos, como, por exemplo, nos aforismos da *Minima Moralia* (1951), explicitados no texto de Loureiro (2010). Mas, em contraposição, entendemos que, ainda que as produções cinematográficas sejam produtos da indústria cultural e, portanto, tenham um caráter deformativo no que diz respeito à massificação, vivemos na sociedade da contradição. Contradição esta que era percebida e considerada pela Teoria Crítica, e, conseqüentemente, por Adorno.

“Se o originalmente fílmico é seu caráter de massa, trair e desafiar esse traço fundamental significa, em Adorno, o recurso, por parte da estética do filme, a uma forma de experiência subjetiva capaz de produzir o que ele tem de artístico” (LOUREIRO, 2010, p. 64).

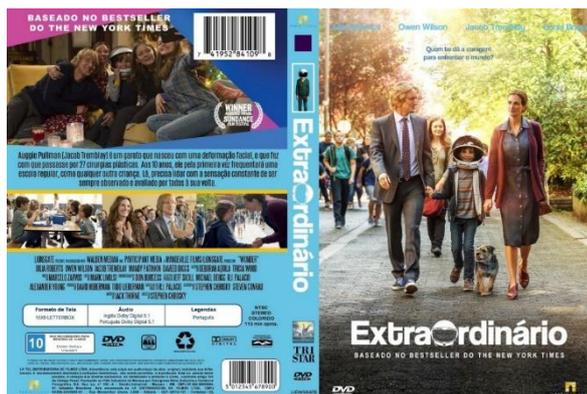
Sendo assim, não significa apenas descartar a indústria fílmica, precisamos entendê-la em seu âmago, suas finalidades e seus fins, para que possamos nos beneficiar do que ela, porventura, tem a oferecer. Em concordância com Loureiro (2010, p. 66), “[...] a verdade do cinema não está apenas no que ele foi ou é, mas também nas suas potencialidades, no seu devir”. E isso acontece quando nos formamos e desenvolvemos a consciência, pois é ela que permite que façamos críticas, que entendamos as relações de maneira mais complexa e, assim, criamos formas de resistência contra a barbárie.

Nesta conjuntura, os filmes, mesmo que tenham o aspecto mercadológico, podem se constituir como um recurso de análise da realidade social, pois a retrata de alguma forma. Logo, é preciso ir além e fazer com que os indivíduos percebam as forças políticas e ideológicas presentes naquilo que está sendo exibido nas telas, e não ter o cinema apenas como entretenimento, pois, se assim for, “[...] resume-se em *mera enganação das massas*” (LOUREIRO, 2010, p. 62, grifo do autor).

## 4.2 Sinopses

Neste item, apresentamos as sinopses originais dos filmes selecionados, retiradas das capas oficiais dos filmes que encontramos no *Google* Imagens, *Extraordinário* em português e *Joe Bell* em inglês (traduzido), a fim de situar o enredo de cada um. Vale ressaltar que ambos se tratam de filmes estadunidenses, fazendo, assim, parte das produções hollywoodianas.

Figura 4 – *Extraordinário*



Fonte: Google Imagens.

Auggie Pullman (Jacob Tremblay) é um garoto que nasceu com uma deformação facial, o que fez com que passasse por 27 cirurgias plásticas. Aos 10 anos, ele pela primeira vez frequentará uma escola regular, como qualquer outra criança. Lá, precisa lidar com a sensação constante de ser sempre observado e avaliado por todos à sua volta.

Figura 5 – Joe Bell



Fonte: Google Imagens.

Joe Bell conta a história verdadeira e íntima de um pai do Oregon que presta homenagem a seu filho adolescente gay Jadin, embarcando em uma caminhada auto reflexiva pelos Estados Unidos para falar de seu coração aos cidadãos sobre os custos reais e aterrorizantes do *bullying*.

Na sinopse do primeiro filme verificamos que, apesar de conter indícios de situações desconfortáveis para o personagem principal, o *bullying* propriamente dito não é mencionado. Diferentemente do que observamos na sinopse do segundo filme, em que o termo já é citado, permitindo que o espectador já saiba do conteúdo principal daquilo que irá assistir.

#### 4.3 Principais aspectos relacionados ao *bullying* retratados nos filmes

A seguir, apresentamos um quadro que sintetiza as observações dos filmes que foram levantadas e descritas a partir do roteiro que construímos e exibimos na metodologia.

Quadro 4 – Caracterização dos filmes

<b>TÍTULO/CRITÉRIOS</b>	<b>EXTRAORDINÁRIO</b>	<b>JOE BELL</b>
<b>A situação de <i>bullying</i> é foco do desenvolvimento do filme?</b>	Sim, a temática está presente em todo o filme, de forma que é até difícil selecionar somente algumas cenas.	Não, a temática é o fio condutor da história, mas as situações de <i>bullying</i> não são as partes enfocadas.
<b>Qual tipo de violência sofrida no <i>bullying</i>?</b>	Mais na forma psicológica, já que a física foi em uma única ocasião.	Ambas, física e psicológica.
<b>Faixa etária aproximada do personagem principal quando sofre <i>bullying</i></b>	10 anos, citado logo no início do filme.	15 anos, citado logo no início do filme.
<b>Etapa escolar aproximada do personagem principal quando sofre <i>bullying</i></b>	5º ano, citado logo no início do filme.	Ensino médio.
<b>A vítima reage ao <i>bullying</i> de que forma?</b>	Expressa tristeza, raiva e desabafa para a família.	Expressa tristeza, raiva e desabafa para a família.
<b>Algum integrante escolar interviu na situação de <i>bullying</i>?</b>	Sim, o professor, assim que verificou a violência, levou o caso à direção que, por sua vez, suspendeu o agressor.	Não, houve a escuta do problema por parte de um integrante escolar, mas nenhuma intervenção efetiva.
<b>A vítima teve suporte de algum familiar ou amigo?</b>	Sim, além do suporte da escola, o personagem principal contou com a ajuda da família e dos amigos.	Não, as pessoas demonstraram estar ao seu lado, mas não tomaram nenhuma atitude que parasse o <i>bullying</i> .
<b>No final, há mudança de comportamento por parte dos agressores?</b>	Sim, o agressor principal verbalizou que sentia muito. E os outros agressores viraram amigos da vítima.	Indiretamente, por meio do bilhete de um dos agressores com pedido de perdão.

Fonte: elaborado pela própria autora.

Este quadro abarca aspectos sobre o *bullying* identificados nos filmes e que serão analisados de forma mais aprofundada a frente. Porém, adiantamos que se tratam de dramas bem diferentes em sua composição. *Extraordinário* tem faixa classificatória indicativa para maiores de 10 anos e consideramos que sua história é mais leve, pois as cenas não retratam a violência de forma tão explícita quando comparada com as de *Joe Bell*, não recomendado para menores de 14 anos.

#### 4.4 Análise do retrato do *bullying* no filme *Extraordinário*

O tema *bullying* perpassa todo o filme *Extraordinário*, isso porque tem como personagem principal uma criança, Auggie, cuja aparência incomum se deve a 27 cirurgias pelas quais passou desde seu nascimento para sobreviver. Por essa razão, o próprio reconhece a estranheza que seu rosto causa nas pessoas: “Eu sei que nunca vou ser um garoto comum, garotos comuns não fazem outras crianças saírem correndo do parquinho, garotos comuns não ficam sendo encarados onde quer que vão” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 3 min).

Auggie não tinha muito convívio social, mas isso mudou quando seus pais, Nate e Isabel, apesar da apreensão, decidiram que já era hora dele frequentar a escola pela primeira vez, já que até então tinha aulas particulares com a mãe em casa. Embora os receios fossem grandes quanto à reação das pessoas na instituição de ensino ao vê-lo, todos tentam ver a nova fase com otimismo.

A primeira cena na escola foi um dia de visita em que o diretor, Senhor Buzanfa, apresentou questões do local ao menino e à mãe de maneira muito acolhedora. Aliás, na tentativa de ajudar no processo de adaptação, ele também solicitou que crianças veteranas (Jack Will, Charlotte e Julian) apresentassem a estrutura física para o novato e, quem sabe, fizessem amizade. No primeiro momento do *tour*, todas as crianças se assustaram, de fato, com a condição de Auggie, entretanto, é Julian que demonstra indícios de preconceito.

Sem a supervisão de adultos, Julian verbaliza frases com certo teor de maldade, perguntando, por exemplo, se o novo aluno comia comida especial e chegando, até mesmo, a duvidar da capacidade intelectual dele enquanto apresentava o laboratório: “Ciências, ‘supostalmente’ a eletiva mais difícil, acho que você não vai passar muito tempo aqui, sem querer ofender, mas você nunca estudou em uma escola de verdade” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 8 min). As subestimações só cessam quando Auggie corrige a fala incorreta do veterano de ‘supostalmente’ para supostamente.

Figura 6 – *Extraordinário*: cena 8 min.



Depois, já no jantar, a fim de saberem sobre o primeiro contato do filho com os novos colegas, os pais questionaram sobre as boas-vindas na escola, explicitando que estavam interessados em discutir possíveis incômodos da criança quanto a nova realidade. Neste contexto, as ações de Julian foram postas em julgamento por Auggie. Para a mãe, ele tinha que se manter superior quanto às ofensivas, já o pai dá o seguinte conselho escondido: “Quando alguém agredir, revide” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 11 min).

No primeiro dia de aula, toda a família leva Auggie até o portão da escola, nesse contexto, ele recebe conselhos do pai: “Duas regrinhas, primeira, só levanta a mão uma vez por aula não importa quantas respostas saiba, tirando Ciências, aí você pode arrasar, segunda, você vai sentir como se estivesse sozinho, Auggie, mas não ‘ta” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 13 min).

Figura 7 – *Extraordinário*: cena 13 min.



E também é aconselhado pela irmã mais velha: “‘Ta’ me ouvindo? Se te encararem, deixa que encarem, não pode ser igual aos outros se nasceu para se destacar” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 28 min).

Figura 8 – *Extraordinário*: cena 28 min.



Ao caminhar até a sala de aula, Auggie encontra olhares assustados dos outros alunos pelos corredores e, em uma tentativa de minimizar seu constrangimento conforme dica da mãe, se imagina em uma situação mais confortável, em que todos o acompanham e acenam para ele, pois seu rosto estaria escondido por sua fantasia de astronauta e não poderia chocar ninguém.

Figuras 9 e 10 – *Extraordinário*: cena 14 min.



Também no primeiro dia, em uma dinâmica na aula do Senhor Browne, Julian pergunta a Auggie sobre um personagem de *Star Wars*, Darth Sidious, que é um vilão de aparência monstruosa, e, apesar de passar despercebido pelos presentes, ele fez uma comparação maldosa com a aparência do novo colega.

Figura 11 – *Extraordinário*: cena 18 min.



O personagem do professor é uma figura a se destacar no filme, pois ele trabalha a partir de preceitos, tais como “quando tiver que escolher entre estar certo e ser gentil, escolha ser gentil” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 18 min) e “seus feitos são seus monumentos” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 66 min), cujos ensinamentos

pretendem transmitir certos princípios de comportamento, como lemas que deixam lições.

Figura 12 – *Extraordinário*: cena 66 min.



Crochick e Crochick (2017) apontam que ações como essa podem evitar a violência escolar, isso porque enfatiza valores pró-sociais por meio do desenvolvimento da autonomia no aluno, entendida pelos autores, como a possibilidade de refletir, de autodeterminar. Essa autonomia estaria diretamente ligada à autoridade de referência do profissional da educação, visto que “[...] quanto mais o aluno percebe as ações racionais e justas do professor e o incentivo para considerar e respeitar os outros, mais ele tem condições para ter valores integrados a si mesmo e pratica menos o *bullying*” (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 36).

Todavia, os autores ressaltam que tais valores podem ou não serem internalizados pelos alunos, isso porque a formação oferecida nas escolas tem tendenciado a ser adaptativa às necessidades do contexto econômico e pouco voltada ao desenvolvimento da autonomia, o que faz com que as lições sejam convertidas em meras regras técnicas, incorporadas e seguidas sem reflexão, sem relação com a realidade objetiva. E isso é notório quando, na hora do lanche no refeitório, Julian prossegue com as provocações, pedindo para sentar ao lado de Auggie e, logo depois, se retirando rindo por caçoar do jeito de comer dele, pouco se importando com o preceito que havia acabado de ver na aula anteriormente.

Figura 13 – *Extraordinário*: cena 19 min.



Aos poucos, os colegas vão percebendo que Auggie é estudioso e inteligente por suas participações nas aulas, características essas que despertam um incômodo ainda maior em Julian. Outro fator interessante retratado no filme é que Auggie não é bom nos esportes, logo, não tem bom desenvolvimento na educação física.

Figura 14 – *Extraordinário*: cena 20 min.



Em conformidade com Crochick e Crochick (2017), entendemos que existe duas hierarquias na escola: a oficial e a não oficial – ambas, para os autores, estão ligadas a tipos de violência escolar, tais como o *bullying* e o preconceito. Auggie, embora fizesse parte do topo da primeira, por ser um dos melhores alunos, se encaixava também entre os últimos da segunda, considerando suas baixas habilidades prático-corporais.

Porém, Auggie, mesmo estando no ápice da hierarquia oficial, não fazia *bullying* com os colegas que não estavam no mesmo nível, pelo contrário, sempre demonstrou que podia ajudar nos estudos, isso porque ao invés da relação dominação-submissão ele escolheu a autocrítica (CROCHICK; CROCHICK, 2017).

Além disso, nesta conjuntura, inferimos que o incômodo de Julian relaciona-se ao fato de que “a ambiguidade do que é espiritual, intelectual, sensível, suscita o ressentimento naqueles que não conseguem desenvolver essas características” (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 18). Na saída da escola, mais implicâncias de Julian, que chama Auggie de Darth Sinistro, com outros colegas para lhe apoiar.

Figura 15 – *Extraordinário*: cena 20 min.



No jantar em família, todos perceberam que Auggie estava quieto e com o capacete de astronauta que ele usava quando se sentia inseguro, seus pais perguntaram:

- Pai do Auggie: E aí? Como é que foi seu dia?
- Auggie: Bom.
- Pai do Auggie: Bom como? Bom, tipo, foi bom?
- Mãe do Auggie: Ou bom, tipo, foi ruim e você só não quer contar para a gente?
- Auggie: Foi bom, ‘ta’ legal? Não sei o que vocês querem que eu diga! Foi bom (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 22 min).

Auggie estava claramente irritado e saiu correndo para o seu quarto. A mãe o repreende e acalma. Ele pede desculpa pelo comportamento e, em seguida, começa a chorar, questionando o porquê de ser feio, dizendo que os colegas nem falam com ele e que se considera diferente deles, questionando se será sempre assim. Com as palavras de conforto da sua mãe, logo ele se recupera.

Figura 16 – *Extraordinário*: cena 24 min.



Depois desse momento, o pai vai em direção ao quarto da irmã e comunica que “[...] rolou um certo *bullying* [...]” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 30 min), mostrando, assim, que estava consciente da violência que o filho sofreu. Compreendemos que o *bullying* escolar “[...] define-se como a agressão – corporal, simbólica, sexual – que um aluno, ou grupo de alunos, exerce, por tempo prologado, sobre outros, que não

conseguem se defender adequadamente para fazer cessar a agressão” (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 21). Por isso, concordamos com a constatação de que Auggie estava sofrendo essa violência.

O personagem principal estava passando pelas agressões simbólicas de Julian desde o primeiro dia em que se conheceram e não conseguia fugir delas, podemos dizer, pautadas em Antunes e Zuin (2008), que elas eram, principalmente, do tipo de *bullying* direto e verbal, já que consistia em insultos, apelidos, “sarros” e comentários a respeito da diferença de Auggie.

Em um *flashback*, Auggie revela como via toda a situação na escola:

A escola se tornou, bom, eu me acostumei com ela. Tirando o jogo de queimada. Qual foi o gênio do mal que inventou queimada? Mas, o lugar que eu menos gosto de ficar é o pátio, porque a escola toda fica lá. Ninguém faz nada cruel, nem diz nada e nem ri. Eles só me olham, olham ‘pro’ lado e me olham de novo. São só crianças normais. Eu queria dizer para eles: [...] Eu sei que sou esquisito, mas tudo bem (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 33 min).

Nessas palavras do menino e nas posteriores, fica nítido que sua vontade era de que as crianças em volta se desculpassem por o encararem e logo o tratassem como uma criança “comum”. Por causa disso, Auggie diz que o *Halloween* é seu feriado preferido, já que ele pode se fantasiar, escondendo seu rosto, e ser bem acolhido por todos.

Adiante, Auggie ajudou Jack Will em uma prova e, a partir disso, eles se tornam verdadeiros amigos, fazendo companhia um ao outro na escola. Porém, tudo muda quando ele vê, no dia de *Halloween* da escola, Julian (vestido de Darth Sidious), Jack Will e outros colegas comentando negativamente e rindo sobre sua aparência.

Figura 17 – *Extraordinário*: cena 45 min.



O fato deixou Auggie muito decepcionado e triste, a respeito do qual sua irmã, Via, o faz desabafar: “As pessoas evitam tocar em você? Quando alguém, sem querer, toca em você, eles chamam de ‘a praga’? O Jack Will era tudo que eu tinha”

(EXTRAORDINÁRIO, 2017, 48 min). Em sequência, ambos, para melhorar o ânimo, saíram para pegar doces na rua. Outro dia, de volta à escola, Auggie rompe com a amizade com Jack e fica sozinho no refeitório, fazendo amizade com Summer, outra novata na escola.

Figura 18 – *Extraordinário*: cena 54 min.



Jack, no entanto, quando narra sua perspectiva, apresenta seus reais sentimentos por Auggie:

Eu aprendi quatro coisas sobre Auggie Pullman. A primeira é que a gente se acostuma com a cara dele. A segunda, ele é muito inteligente e ele é bem melhor do que eu em tudo, em ciências, ele é melhor que todos na escola. A terceira, ele até que é bem engraçado e a quarta, agora que eu conheço ele, eu diria que gosto de ser amigo do Auggie de verdade, no início, eu confesso, eu só era simpático com ele porque minha mãe tinha pedido para eu ser legal. Mas, agora, eu gosto de ficar perto dele, porque ele é um bom amigo. Se os garotos do 5º ano estivessem em fila e eu pudesse escolher qualquer um para ser meu amigo, eu escolheria o Auggie (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 53 min).

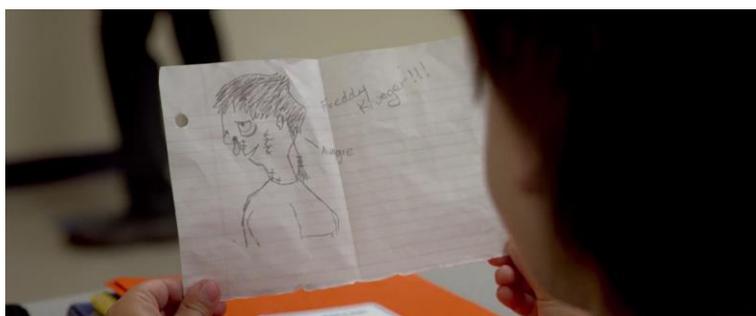
Ao se dar conta do que causou sua separação com seu antigo amigo, Jack tenta reestabelecer o vínculo, o que deixou Julian irritado. Este último, ao tirar satisfação, chamou Auggie de esquisito e Jack, para defendê-lo, começou uma briga física e foi suspenso por dois dias.

Figura 19 – *Extraordinário*: cena 69 min.



Enquanto jogavam *on-line Minecraft*, Auggie e Jack retomaram a amizade e, um tempo depois, apresentaram um projeto juntos na feira de ciências que fez tanto sucesso que logo as outras crianças passam a interagir mais com Auggie na escola. Entretanto, Julian segue praticando *bullying* com ele. Uma outra ocasião é a entrega de um papel com o desenho de Freddy Krueger, o personagem fictício de uma série de terror, novamente uma comparação monstruosa com a aparência de Auggie.

Figura 20 – *Extraordinário*: cena 86 min.



Outra situação é a colagem da foto de turma modificada no armário de Auggie, em que ele foi removido e com as frases “Proibida aberrações!” e “Faça um favor a todo mundo e morra!”. Neste momento, o Senhor Browne, que já havia percebido o preconceito contra o menino, o vê triste e diz: “Sabe que se precisar de ajuda pode pedir para mim, você não está sozinho” (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 87 min). Em seguida, o professor entrega as ações violentas de Julian à direção.

O Senhor Buzanfa chamou os pais de Julian e o garoto para conversar:

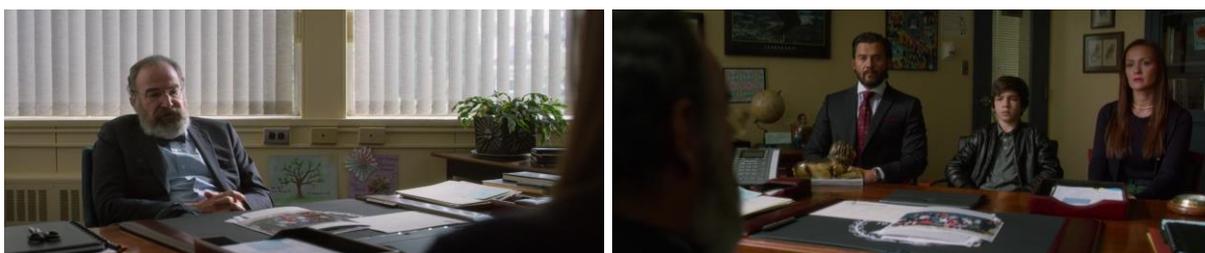
- Diretor: Nesta escola, o *bullying* é uma coisa muito séria, aqui é tolerância zero.
- Mãe do Julian: Com licença, pode explicar o que ‘ta’ acontecendo aqui? Não foi o Julian que levou um soco na boca? Se alguém está fazendo *bullying* não é o meu filho (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 87 min).

Nessa conversa, a mãe tenta encobrir o ato do filho admitindo ter feito a remoção de Auggie da foto da turma, mas disse não ter imaginado que o seu filho levaria para a escola e escreveria aquelas palavras. O diretor mostrou outros bilhetes ofensivos que Julian havia deixado com Auggie.

- Mãe do Julian: Ok, olha, se ninguém mais vai ter coragem de dizer isso, então eu digo. Estes meninos são jovens demais para lidar com isso. O Julian tem tido pesadelos por causa desse garoto. Sabia disso? Tivemos que levá-lo ao psicólogo infantil para ele superar os terrores noturnos.
- Diretor: É só uma suspensão de dois dias. Vai ficar em casa a partir do passeio à reserva ecológica. Só isso.

- Mãe do Julian: Dois dias por causa de uns bilhetes de um garoto? Depois de todo o dinheiro que demos para esta escola.
  - Pai do Julian: Temos muitos amigos na diretoria da escola, Senhor Buzanfa.
  - Diretor: Ah! Eu tenho mais.
  - Mãe do Julian: O que quer que a gente faça? Que se molde a necessidade de qualquer um que apareça? Ninguém pode ser magoado nunca? O senhor não está ajudando estes meninos em nada.
  - Diretor: Senhora Albans, o Auggie não pode mudar a aparência dele, então, acho que devemos mudar a forma de ver.
  - Mãe do Julian: Claro, com certeza vou dizer isso ‘pro’ mundo real. Muito obrigada por isso, não voltaremos depois das férias.
  - Julian: Mãe, eu gosto da escola. Mãe! Eu tenho amigos aqui, pai!
  - Pai do Julian: Vamos, Julian.
  - Mãe do Julian: Anda!
  - Julian: Senhor Buzanfa, eu sinto muito.
  - Diretor: Eu sei disso, Julian.
- (EXTRAORDINÁRIO, 2017, 88 min).

Figuras 21 e 22 – *Extraordinário*: cena 87 min.



Chamamos atenção para dois aspectos desses diálogos. O primeiro é que, assim como em vários outros momentos do filme, o poder aquisitivo da família Albans é evidenciado. E, assim como aponta Crochick e Crochick (2017), entendemos que a violência nas instituições sociais é mediada pela hierarquia social, então, se há uma ordenação entre as classes sociais e suas funções dentro da sociedade, há também a submissão dos inferiores ao mando dos superiores. Na cena da conversa entre o Senhor Buzanfa e a família rica do Julian, houve pelos pais a tentativa de afirmação desta hierarquia, como tentativa de fazer com que não houvesse implicações para o *bullying* praticado pelo filho.

Aqui, também podemos observar a violência nos indivíduos que “[...] se expressa pelo sadomasoquismo, que [...] suscita o prazer de mandar e o **prazer de submeter** [...]” (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 14, grifo nosso), no caso, porém, o diretor não se intimidou aos gozos da família e manteve sua postura em defesa da vítima. Segundo os autores, o sadomasoquismo é a base da personalidade autoritária

estudada por Adorno, e ele se manifesta no agressor pela satisfação dos seus ímpetos destrutivos, pois tem prazer direto com a violência fria que atinge o outro.

O segundo aspecto que evidenciamos é que, já no fim da conversa, Julian demonstra arrependimento das suas atitudes, o que aponta para uma certa autonomia, e do tipo emocional, pois permitiu a diferenciação de si mesmo da autoridade dos pais e a percepção da própria falibilidade humana. Crochick e Crochick (2017, p. 37) abordam que “quanto mais autonomia um indivíduo tiver, mais diferenciado será e mais poderá controlar seus próprios impulsos e desejos, e vice-versa”.

Além disso, conforme já discorremos anteriormente, Adorno (2020), em sua época, apontava que “a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”, destarte, a autonomia é um dos mecanismos necessários ao indivíduo para que isso seja alcançado. Nesse sentido, a falta de uma educação que formasse sujeitos autônomos foi um dos aspectos que permitiu as barbáries do nazismo alemão. O posicionamento do diretor mediante ao caso de *bullying* se configurou como um esforço para a promoção de uma educação não violenta, isto é, não repetidora da barbárie.

No filme, a suspensão empregada pelo Senhor Buzanfa ao Julian aparenta ser uma forma de responsabilizá-lo pelos próprios atos no *bullying* contra Auggie. Quando falamos em responsabilização da criança, elucidamos a tensão entre o atribuir uma consequência a ela ou o entender que há fatores sociais e/ou psíquicos sobre os quais ela não tem controle. E, para Crochick e Crochick (2017, p. 40), é preciso reconhecer essa contradição, “[...] mas isso não significa que não tenham opções pelas quais possam se responsabilizar e ser responsabilizados, entre elas evitar o crime”.

Por ser um filme e, destarte, fazer parte da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), a situação é simplificada e utiliza-se uma versão tradicional nas escolas de resolução de conflitos: suspender. Elucidamos uma contradição nessa suspensão, pois ao mesmo tempo que defende a vítima da violência também violenta, só que agora o agressor. Ao disciplinar e punir ele, consideramos que outros efeitos danosos poderiam ser acarretados, além de, possivelmente, não contribuir para a formação da consciência crítica que almejamos.

Corroborando com essa questão, Crochick e Crochick (2017, p. 19, grifo nosso) indicam que

A violência escolar, segundo Galvão, Gomes, Capanema, Caliman e Câmara (2010), é, por vezes, praticada por meio de atitudes de educadores da própria instituição, algumas das quais contribuem para a formação das hierarquias escolares entre os alunos: comparação pública entre desempenhos dos alunos, **expulsão dos estudantes**, professor sendo irônico ou gritando com seus alunos.

A seguir, Auggie e seus colegas foram à reserva ecológica mencionada e estava se divertindo nesse passeio escolar. Até que, em uma caminhada pela floresta com Jack, crianças maiores os encontraram e começaram a insultá-los, principalmente, pelo rosto de Auggie, partindo para violência física que só terminou quando os colegas de classe, que antes faziam *bullying* em parceria com Julian, chegaram para o defender e fugir com ele, se sentir querido dessa maneira, fez Auggie chorar de emoção.

Figura 23 – *Extraordinário*: cena 97 min.



Na cerimônia de formatura, Auggie, mesmo reconhecendo ter ficado zangado algumas vezes, agradece a mãe por tê-lo enviado à escola, ao que ela responde chamando-o de “Extraordinário”. No final do filme, ele recebe o prêmio destinado a alunos que se destacaram ou foram exemplares pelo diretor Buzanfa e é aclamado pelo público, o que o deixou muito emocionado e feliz.

Figura 24 – *Extraordinário*: cena 105 min.



#### 4.5 Análise do retrato do *bullying* no filme *Joe Bell*

Baseado em uma história real, *Joe Bell* é o nome do filme e também o nome do pai de Jadin Bell, um menino gay que se suicidou após sofrer ininterruptamente com o *bullying* escolar. Devastado com essa situação, Joe decide cruzar os Estados Unidos a pé até a cidade de Nova Iorque, onde seu filho dizia que queria morar, dando depoimento em palestras ao longo do caminho a respeito das consequências da citada violência. Em uma de suas falas ao público, ele proferiu as seguintes palavras:

Muita gente acha que é normal tirar sarro de outras pessoas que são diferentes da gente. Bom, o *bullying* e a intolerância podem ter um efeito mortal e eu 'to' aqui porque eu 'to' atravessando o país a pé em nome do meu filho Jadin 'pra' falar contra o *bullying*, 'ta' legal? [...] É importante que as pessoas entendam ou compreendam como é doloroso assediar e atormentar as pessoas que não são iguais a você e essa compreensão começa em casa, com os pais e familiares. 'Ta' bom? Aos pais por aí, deixem seus filhos serem quem eles são que vai ficar tudo bem, digam que vocês os amam acima de tudo, 'ta'? Porque é isso que eles precisam saber. 'Ta' bom? Alguém quer me fazer alguma pergunta? Não? 'Ta', por favor, me sigam no *Facebook* e compartilhem a minha mensagem com seus amigos. Obrigado, pessoal, obrigado (JOE, 2020, 2 min).

Figura 25 – *Joe Bell*: cena 3 min.



Essa cena retrata a simplicidade do homem enlutado que queria fazer jus a vida de seu filho, ainda que não soubesse muito sobre o assunto ou tivesse alguma preparação para discursar para as multidões. Inferimos que Joe carregava traços de uma cultura conservadora, embora “respeitasse” a orientação sexual de seu filho, ainda apresentava certos preconceitos.

Por essa razão, o filme não narra muitas das situações de *bullying* sofridas por Jadin, tem foco maior no processo de reflexão do pai dele, da sua desconstrução, na tentativa de entender as condições que fizeram com que perdesse seu filho. Tanto

que é retratado os dois conversando sobre o passado, mesmo após a morte, de forma imaginativa na estrada. Com muita sinceridade, eles discutiam sobre o arrependimento, a culpa, a masculinidade e o sentido daquela longa missão. Joe certa hora admitiu:

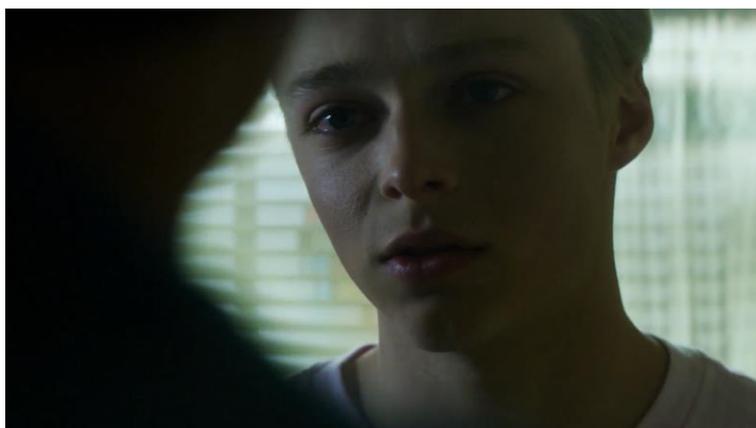
Quando eu comecei esta caminhada, eu não tinha ideia do que ‘tava’ fazendo. Eu achei que só queria fazer a vida do Jadin e a morte dele importar de alguma forma. Mas o que eu descobri é que eu tenho andado e tentado descobrir porquê meu filho fez o que fez. E me convencer que eu não fiz parte da decisão dele de acabar com a própria vida. Eu só ‘tava’ preocupado com os meus sentimentos, com o que as outras pessoas pensariam ao verem o que meu próprio filho deve ter sentido. Eu devia saber como era ruim para ele, eu deveria saber o tempo todo, mas, invés disso eu só fiz com que fato do meu filho ser gay fosse sobre mim. Sobre mim, não sobre meu filho (JOE, 2020, 76 min).

Em umas das cenas entre o pai e o “fantasma” do filho, eles relembram o dia em que Jadin, chorando, assume ser homossexual e também desabafa sobre as agressões que isso gerava na escola:

- Jadin: Bom, a mamãe já sabe.
- Pai do Jadin: Sabe o quê?
- Jadin: É que tem uns caras na escola me enchendo.
- Pai do Jadin: Mas por quê?
- Jadin: Eu não sei. Porque eu não sou como eles.
- Pai do Jadin: Tem que ser mais do que isso. Isso não faz sentido. Que papo é esse?
- Jadin: Só porque eu sou diferente, eu sou...
- Pai do Jadin: Mas por quê?
- Jadin: Porque eu não sou como eles, pai.
- Pai do Jadin: Isso não é uma resposta, Jadin. ‘Ta’ bom? Não faz sentido.
- Jadin: Porque eu sou gay.
- Pai do Jadin: Lembra quando eu levei vocês na academia? Eu coloquei luvas de boxe em vocês dois e fiz vocês lutarem. Você precisava saber como se virar numa briga, contra qualquer um que mexesse com você, aquilo não te ensinou nada?
- Jadin: Eu não quero passar meu tempo na escola brigando com quem discorda de mim, eu posso lutar contra um, mas não contra uma escola inteira. Não tem como.
- Pai do Jadin: Olha, se precisar eu vou lá e dou um pau nesses filhas da puta, eu vou. Quer saber? Vamos deixar a natureza seguir seu curso, ‘ta’? Esse assunto não é da conta de mais ninguém, ‘né’? Beleza? Não fala disso com os outros alunos, nem com ninguém, você cuida da sua vida e vai dar tudo certo. Tudo vai se resolver.
- Mãe do Jadin: Joe, as coisas não funcionam assim.
- Pai do Jadin: E o que eu devo fazer?
- Mãe do Jadin: Você ‘ta’ tentando desviar o assunto.
- Pai do Jadin: Vai ficar tudo bem.
- Mãe do Jadin: Nada disso é culpa dele.

- Pai do Jadin: Eu não disse que era.
- Mãe do Jadin: A única coisa que ele tem que saber é que a família dele o ama. Essa família te ama acima de tudo.
- Pai do Jadin: Você está afirmando o óbvio aqui.
- Mãe do Jadin: Não é tão óbvio, você pode dizer isso também.
- Pai do Jadin: Ele sabe que eu amo ele. Eu te amo, você sabe disso? Já terminamos aqui? (JOE, 2020, 6 min).

Figura 26 – *Joe Bell*: cena 6 min.



Nessa ocasião, o pai, com raiva, aconselha Jadin a revidar com violência física, e não parecia dar muita importância aos sentimentos que estavam sendo relatados, provavelmente por não saber lidar com os próprios preconceitos. E isso também é retratado logo na cena posterior, quando Joe demonstra vergonha do filho estar treinando para ser líder de torcida, com sua amiga Marcie, no quintal da frente de casa e pede para eles irem aos fundos. De noite, o próprio pai reconhece sua barreira e diz ao filho: “Eu vou tentar melhorar, eu te amo” (JOE, 2020, 12 min).

No que concerne às disparidades culturais existentes entre o campo e a cidade, Adorno (2020), ainda que repudiasse a superioridade da cidade sobre o campo, entende que a população rural possui uma cultura muito influenciada pelos meios de comunicação de massa, o que, por conseguinte, molda a sua consciência, inclusive, para a disseminação da violência.

La Grande, onde a história de Jadin se passa, não é designada como campo mas é uma cidade pequena do interior dos Estados Unidos que possui uma consciência violenta para com o diferente. Nova Iorque, por sua vez, é uma cidade grande que, segundo Jadin no filme, abarca e respeita uma maior diversidade cultural, daí sua vontade de viver lá. Nesse contexto, para o autor, seriam necessários esforços educacionais que diminuíssem tal defasagem cultural pela reflexão crítica daquilo que é transmitido pelos aparelhos da indústria cultural.

Quando Joe sugere a violência física como solução do problema do filho, parece defender a ideia de que a virilidade é o meio mais eficiente para se alcançar o grau máximo da capacidade de suportar a dor, o que, para Adorno (2020), é um equívoco que camufla o masoquismo que há em si mesmo. Sendo assim, do ponto de vista subjetivo, o ciclo de violência continua e nada é de fato resolvido. Ademais, tal ideia de virilidade destaca-se em detrimento dos direitos humanos e do desenvolvimento da sensibilidade (CROCHICK, CROCHICK, 2017).

A primeira cena de *bullying* mostra um dos colegas, um jogador do time de futebol americano da escola, empurrando Jadin no refeitório e gritando: “Um veado já era” (JOE, 2020, 18 min). Outra cena, foi em um jogo esportivo desse time, Jadin na torcida ouviu frases como “aí, Bell, você esqueceu a sua saia” (JOE, 2020, 22 min) e “aquilo ali é menino? O que essa escola ‘ta’ querendo?” (JOE, 2020, 22 min), e também foi alvo de objetos da plateia. Diante dessa situação, seus pais, ao invés de defendê-lo, saíram da arquibancada e foram embora, com a justificativa de estarem com medo.

Figura 27 – *Joe Bell*: cena 23 min.



Neste filme, identificamos, ainda mais evidente do que em *Extraordinário*, a presença da hierarquia não oficial da escola, na qual se sobressai a força física dos jogadores de futebol sobre Jadin, que não se identificava com a prática esportiva. No tocante a isso, Adorno (2020, p. 137-138, grifo nosso) já apontava para a ambiguidade presente no esporte:

[...] por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do fair play, do cavalheirismo e do **respeito** pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a **brutalidade** e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente

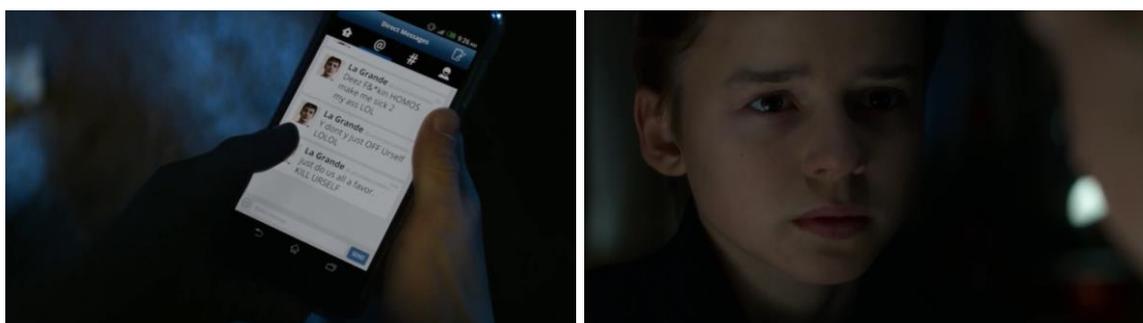
não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.

Ainda no filme, entendemos que o esporte potencializou somente o caráter agressivo, tanto da parte dos praticantes (fora do campo) quanto da parte do público do estádio, não pelo jogo em si, mas pelo incômodo de uma presença gay em um espaço considerado socialmente como heterossexual. De maneira que não demorou muito para que Jadin começasse a sofrer *cyberbullying* dos esportistas em suas redes sociais. Ele recebia mensagens ameaçadoras que diziam ter nojo e desejo que ele se matasse. A respeito disso, seu irmão mais novo Joseph o consolou, dando um abraço após conversarem.

– Irmão do Jadin: Eu vi o que falaram de você. Não te incomoda o que as pessoas dizem?

– Jadin: Palavras não me machucam, eu sou mais forte do que pareço, 'ta'? (JOE, 2020, 24 min).

Figuras 28 e 29 – *Joe Bell*: cena 24 min.



Jadin chegou até a ter um breve relacionamento escondido com um outro jogador. No que se refere a isso, ele refletiu nos diálogos fictícios na estrada com seu pai:

– Jadin: Ele ficou assustado. Tinha medo de ser expulso de casa, se os idiotas dos pais soubessem.

– Pai do Jadin: Relacionamentos românticos são assim mesmo, Jadin, isso não é a solução da vida.

– Jadin: É a solução da minha vida. A minha vida, pai, não a sua, a minha vida (JOE, 2020, 32 min).

Adorno (2020) considera que, na história das perseguições, a violência é maior contra aqueles socialmente considerados fracos, como é a comunidade gay – uma minoria dentro da sociedade –, e também felizes. Notamos que, talvez por esse motivo, o par romântico de Jadin tinha receio de assumir sua homossexualidade à

família e sua felicidade naquela relação, pois sabia das consequências negativas que isso acarretaria na vida dos dois.

Neste cenário, defendemos que, de acordo com Adorno (2020, p. 131), “é preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos”. Ou seja, seriam necessárias intervenções que permitissem entender a subjetividade que marca o psiquismo dos homofóbicos, para tanto, em conformidade com o autor, deve-se utilizar toda a ciência disponível, principalmente a psicanálise.

Antunes e Zuin (2008) evidenciam que as vítimas do *bullying* são indivíduos que têm características físicas, socioeconômicas, étnicas e orientações sexuais específicas, como é o caso do menino gay do filme. Nesse sentido, Crochick e Crochick (2017) enfatizam a educação inclusiva como uma forma contemporânea de combate a essa violência, uma vez que ela, em sua proposta, dirige-se a acolher todas as minorias (e não só os alunos com deficiência) que possuem dificuldade de frequentar ou permanecer na escola.

Em um outro momento do filme, a mãe de Jadin faz uma ligação ao seu marido para ler um emocionante desabafo escrito pelo filho deles sobre o *bullying* que sofria:

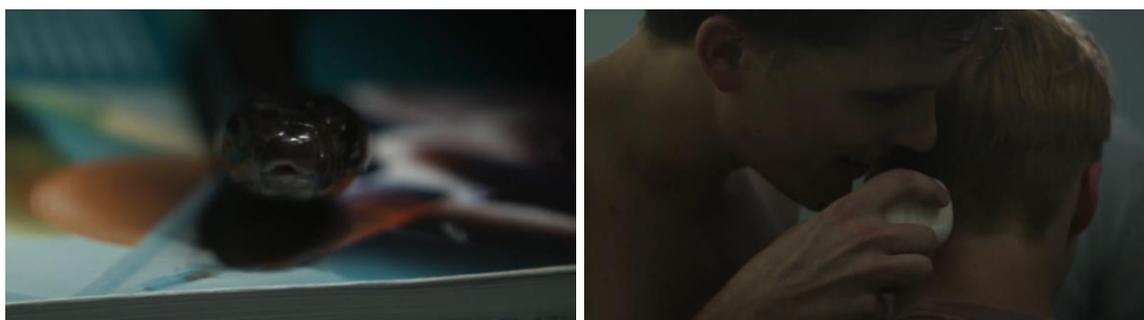
É uma coisa horrível ‘ta’ cercado por pessoas que te odeiam, quando nem te conhecem, por um motivo que você não pode mudar, um que eles não podem compreender ou entender. Essa é a vida que eu vivo. Algumas noites eu procuro as peças que eu deixei cair ao longo do caminho, nessas noites eu choro até dormir e espero que amanhã seja um dia melhor, mas nunca é. Todos os anos eu fico ansioso com o reinício das aulas, mas nunca acontece do jeito que eu espero. Eu finjo não notar os olhares que me dão, evitando contato visual com todos os caras maiores do que eu. Eu ‘to’ cercado por pessoas que me odeiam e que me querem morto. Eu não posso continuar tentando escapar na conversa, eu não sei o que eu vou fazer, mas se eu não fizer, só vai piorar. Eu só quero que acabe e será em breve (JOE, 2020, 53 min).

Figura 30 – *Joe Bell*: cena 53 min.



De *flashback* com a voz *off* do personagem, iam aparecendo imagens dos episódios de *bullying* escolar contra Jadin, do dia em que colocaram uma cobra no seu armário para assustá-lo e do dia em que ele foi xingado e espancado por um grupo de garotos no vestiário masculino.

Figuras 31 e 32 – *Joe Bell*: cena 54 min.



Em consonância com Crochick e Crochick (2017), assim como em *Extraordinário*, a violência presente no filme se apresenta no nível individual, expressando-se pelo sadomasoquismo. Os garotos da escola ao rirem das reações desesperadas de Jadin às suas agressões manifestavam prazer em submetê-lo ao ridículo.

Jadin, junto a seus pais, procurou por ajuda na escola. Contudo, nada foi resolvido, as únicas alternativas oferecidas foram a lista de nomes dos agressores, a transferência para outra instituição de ensino ou a terapia.

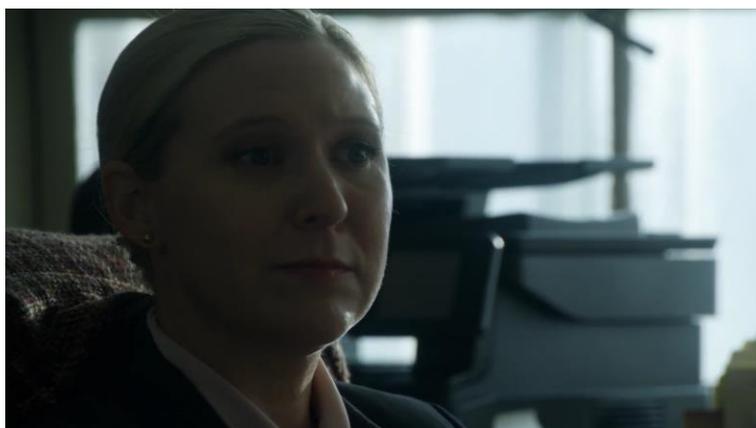
- Jadin: Não preciso de terapia, eles precisam.
- Integrante escolar: Querido, entendo o que está dizendo. Você não acha que a situação pode se resolver sozinha?
- Jadin: Eu não acho.
- Integrante escolar: Ok. Senhor e senhora Bell, não estou dizendo que foi um comportamento aceitável por parte dos outros alunos, porque não foi. Mas, vivemos numa cidade muito pequena e o corpo discente do ensino médio é um reflexo da nossa comunidade. Se você

apresentar uma queixa formal contra esses garotos, pode muito bem causar mais problemas para vocês a longo prazo, não vale a pena.

– Jadin: Você não sabe como é, sentir que... Você tem que reunir coragem 'pra' pedir ajuda e depois descobrir que a pessoa que pode te ajudar não se daria ao trabalho.

– Integrante escolar: Filho, estou tentando te ajudar. Estou tentando impedi-lo de cometer um erro (JOE, 2020, 56 min).

Figura 33 – *Joe Bell*: cena 56 min.



Todas as intervenções propostas pela escola para combater o caso de *bullying* eram destinadas a Jadin e não aos seus agressores, colocando-o como um possível causador dos motivos das próprias agressões. Vemos isso como uma culpabilização da vítima, de modo semelhante, Adorno (2020, p. 33) ao tratar sobre as justificativas da barbaridade nazista aborda que

A desmesura do mal praticado acaba sendo uma justificativa para o mesmo: a consciência irresoluta consola-se argumentando que fatos dessa gravidade só poderiam ter ocorrido porque as vítimas derem motivos quaisquer para tanto, e este vago “motivos” quaisquer pode assumir qualquer dimensão possível.

Isso significaria riscar o nazismo e todo seu horror da memória histórica, aliviando a culpa, por meio do esquecimento e do perdão, daqueles que mataram milhares de inocentes. Em oposição a esse movimento e em conformidade com o autor, firmamos a necessidade de elaborar o passado, a fim de que ele não seja esquecido, mas sim refletido e não repetido, partindo de uma educação que trabalhe em prol do desenvolvimento da consciência crítica.

No filme, não observamos, por parte da integrante escolar que recebeu as denúncias de Jadin, a tentativa de verificar as atitudes dos agressores a fim de responsabilizá-los e/ou educá-los. É como se Jadin tivesse sido duplamente violentado, pelas mãos dos colegas e pela negligência da instituição de ensino. Todavia, consideramos que

Se a violência tem sido constante, cotidiana, a escola é um das instituições que se tem como objetivo desenvolver a civilidade em seus alunos, a possibilidade de os homens conviverem e discutirem suas divergências de forma pacífica, por meio de normas aceitas coletivamente (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 17).

O filme não narra o que aconteceu com os agressores de Jadin, somente deixa a entender que nada mudou, já que a escola não parecia estar interessada em promover uma educação que forme sujeitos que reflitam sobre suas ações e reconheçam a violência que perpetuam, não possibilitando a autocrítica deles, nem o desenvolvimento de sua autonomia e, ainda, colaborando para a ideia de senso comum que o *bullying* é natural e necessário (CROCHICK; CROCHICK, 2017).

Diante de toda a problemática, os pais brigavam entre si e não sabiam mais o que fazer para ajudar seu filho. Já a sua amiga Marcie e a mãe, em um telefonema no carro indo em direção a outra cidade, não cederam às últimas súplicas de ajuda de Jadin, talvez por não considerar a gravidade da situação de esgotamento mental que ele se encontrava. Foi, então, que ele decidiu pôr um fim em toda a sua dor, tirando sua própria vida.

Figuras 34 e 35 – *Joe Bell*: cena 58 min.



A viagem de Joe alcançou certa repercussão na mídia, de modo que ele passou a ser reconhecido por onde andava, recebendo ajuda (estadia e alimento) de estranhos no decorrer do trajeto, foram meses falando sobre *bullying* e trocando vivências com outras pessoas, até que perdeu a vida em um atropelamento na rodovia antes mesmo de chegar ao seu destino.

Figura 36 – *Joe Bell*: cena 85 min.



#### 4.6 Os filmes como recurso do pedagogo para reflexão e desenvolvimento de estratégias específicas para lidar com o *bullying*

No capitalismo, Adorno e Horkheimer (1985) apontam que muito da cultura foi convertido em indústria cultural, isso significa que, semelhante às demandas da industrialização em série que se alastrou por todas as áreas, as produções culturais transformaram-se em meras mercadorias sob pretexto da possibilidade de mais pessoas poderem usufruí-las. Todavia, os bens culturais produzidos em massa são empobrecidos do ponto de vista social, visto que, para os autores, anestesiaram o pensamento reflexivo e crítico dos consumidores.

O cinema é um dos grandes difusores da indústria cultural e, com o advento da televisão, ele adentrou a casa dos indivíduos e tomou seu tempo livre, podendo, assim, ditar maneiras de pensar e regras de comportamento. Isto é, por meio das suas transmissões, alienam. Nesta pesquisa, podemos encontrar um exemplo dessa alienação na ficção de *Extraordinário*, quando assistimos todos os agressores do *bullying* se redimirem de todos os seus atos em um final feliz, fazendo com que os espectadores acreditem que tal violência é simples de ser resolvida.

Em consonância com nossa fundamentação teórica, compreendemos que tal conclusão não é o caminho mais provável quando falamos de realidade, de vida real, pois as questões que dizem respeito a mentalidade dos que cometem a violência são mais complexas de serem mudadas, uma vez que “[...] nesta sociedade a questão da autoconservação individual faz parte do desenvolvimento da autonomia pessoal, e como o sistema econômico se define pela competição, esta se sobrepõe a solidariedade” (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 27).

Sendo assim, em uma economia que impera a racionalidade produtivista, que dita a regra de convívio do todos contra todos, de modo que sempre precise de alguém no topo das hierarquias para mandar e submeter os demais, dificilmente será promovido um processo formativo que não fique à mercê da violência, do capital. Por essa razão, acreditamos que seria pouco provável (não impossível) ter um final feliz tão fácil como em *Extraordinário*.

Nesta conjuntura, uma educação que desenvolva o senso de criticidade perante a sociedade capitalista não é interessante, pois desmonta o aparato ideológico que a sustenta por meio do desvelamento das suas lacunas, como a regressão psicológica associada ao progresso. Em vista disso, é fomentada uma pseudoformação, disseminada também pelos meios de comunicação, em prol da uniformização dos pensamentos que corroboraram para a acumulação de capital, ainda que isso implique, por exemplo, na geração de mais hierarquias, de mais mecanismos de violência...

Nesse sentido, Crochick e Crochick (2017, p. 29) alertam para o fato de que “[...] as formas de violência existentes, entre elas o *bullying* e o preconceito, são determinadas socialmente, e a sociedade, por meio da cultura, determina estruturas de personalidade propícias a seu desenvolvimento”. Assim como verificado em *Joe Bell*, os agressores tinham suas personalidades moldadas para manutenção dos seus lugares no topo da hierarquia de poder, sem nem cogitar se responsabilizarem pelas próprias atitudes que findaram na morte da vítima.

Embora todo este cenário possa parecer pessimista, como contradição, também acreditamos que uma educação emancipadora é possível, pois

O fato de uma sociedade injusta e violenta como a atual não ser favorável ao surgimento de um indivíduo que possa se responsabilizar inteiramente pelos seus atos não impede de pensar que esta mesma sociedade também luta pela justiça e pela paz e, assim, portanto, os indivíduos deveriam lutar para manter e fomentar o que há de mais racional nesta sociedade (CROCHICK; CROCHICK, 2017, p. 39).

Por esse motivo, defendemos que os pedagogos podem usar os filmes de escola, mesmo que neles estejam presentes todas as limitações impostas pela indústria cultural, para refletirem e desenvolverem estratégias específicas para lidar com o *bullying*, desde que reconheçam tais limitações, a contradição presente nisso, e se validem de uma teoria de estudo que permita o florescimento da emancipação.

As análises das produções cinematográficas *Extraordinário* e *Joe Bell* permitiram com que pudéssemos compreender diversos aspectos que caracterizam ou que estão relacionadas ao fenômeno *bullying*. Tomando como base a Teoria Crítica da Sociedade, assistimos as cenas dos filmes de modo com que fosse possível estudar o assunto de maneira sistematizada.

À exemplos do que apresentamos, refletimos acerca da queda das autoestimas das vítimas que já eram fragilizadas, uma pela aparência incomum do rosto (Auggie) e outra pela escolha de assumir a orientação sexual (Jadin), pela violência que sofreram, violência essa que também pudemos observar nos filmes, as suas manifestações da forma mais branda (verbal) até a mais intensa (física e psicológica) e as hierarquias que a instiga.

Além disso, percebemos a influência da família e dos amigos, como suporte afetivo, na superação ou não do *bullying*, bem como a da escola, que pode tanto acolher as denúncias e tomar decisões efetivas a respeito quanto negligenciá-las. É nesse sentido que a postura do pedagogo entra em evidência. Em *Extraordinário*, vemos um professor e um gestor escolar preocupados com a violência e que se mobilizam em direção ao combate dela, ao passo que, em *Joe Bell*, temos uma integrante escolar que marginaliza o problema e minimiza sua importância.

Essas duas posições são possíveis quando adentramos na profissão educacional, porém, em qual delas há a possibilidade de uma educação para o desenvolvimento da autonomia? Para a emancipação? Defendemos que o conteúdo escolar seja ministrado pelo pedagogo de forma que o aluno aprenda a não se envolver com a violência que existe na escola e que não desenvolva preconceitos, buscando por outros meios de destaque – que não os topos das hierarquias.

As hierarquias devem ter um sentido próprio para a escola, o de cumprir com objetivos dela, e não converter-se em mecanismos para gerar a violência. Além do mais, é preciso pensar acerca das regras existentes na escola, a fim de verificar se elas são pautadas na racionalidade e se são seguidas de maneira refletida, se não, corre-se o risco de perpetuarem a formação rígida da personalidade.

Nos filmes, também são postas as implicações danosas que o *bullying* traz, como os sentimentos de solidão e, levado a suas últimas consequências, o suicídio. Toda a construção cinematográfica é feita para que sintamos empatia para com as vítimas, de maneira que julgamos e condenamos os atos dos agressores, mas isso, sem o auxílio de uma linha teórica que permita aprofundar nas questões subjetivas do

que causa, de fato, a violência, finda-se no posicionamento almejado pela indústria cultural, que não passa do raso. Somente conhecendo a fundo as raízes dos problemas é que, enquanto pedagogos, podemos criar procedimentos para a superação deles.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivamos investigar como os filmes de escola representam o *bullying* e podem auxiliar o pedagogo no desenvolvimento de práticas pedagógicas preventivas e combativas dessa forma de violência. Para tanto, foi preciso conceituar o fenômeno e analisar como ele é retratado em duas produções cinematográficas, a saber, *Extraordinário* e *Joe Bell*.

A partir da nossa fundamentação teórica foi possível elucidar pontos importantes de cada cena selecionada dos referidos filmes, parecendo, até mesmo, que os autores estavam falando exatamente delas em seus textos. Consideramos que a violência retratada nas ficções, verossimilhante a da realidade, nada mais é do que a barbárie que se repete na sociedade, que resiste ao tempo devido a pseudoformação que não possibilita com que o sujeito reflita sobre ela e desenvolva uma consciência crítica.

Concluimos, portanto, que embora os filmes de escola sobre *bullying* sejam produtos da indústria cultural, eles podem se constituir como um meio para o pedagogo refletir sobre o problema e, destarte, planejar ações que visem sua prevenção e seu combate. Para finalizar, suscitamos a indispensabilidade de estudos futuros que abordem a relação entre Cinema e Teoria Crítica para além da alienação, para que ela se afirme como um recurso possível para promover uma educação emancipadora, isto é, uma educação que almeje a formação de cidadãos para contestação e resistência frente às múltiplas violências.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. *In*: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução Guido Antonio de Almeida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99-138.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *Bullying* ao preconceito: Os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 33-41, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006. Não paginado. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em: abr. 2021.

CROCHICK, José Leon; CROCHICK, Nicole. Duas formas de violência escolar: bullying e preconceito. *In*: CROCHICK, José Leon; CROCHICK, Nicole. **Bullying, preconceito e desempenho escolar**: uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017. p. 13-50.

CROCHICK, José Leon; CROCHICK, Nicole. Propostas de enfrentamento à violência escolar. *In*: CROCHICK, José Leon; CROCHICK, Nicole. **Bullying, preconceito e desempenho escolar**: uma nova perspectiva. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017. p. 95-105.

EXTRAORDINÁRIO. Direção de Stephen Chbosky. Estados Unidos da América: Lions Gate Entertainment, 2017. DVD (113 min).

FANTE, Cleo. Fenômeno *bullying*. *In*: FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 8. ed. Campinas: Verus Editora, 2018. p. 27-90.

GIL, Antonio Carlos. Como classificar as pesquisas? *In*: GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. p. 31-41.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 72-95.

JOE Bell. Direção de Reinaldo Marcus Green. Estados Unidos da América: *Roadside Attractions*, 2020. DVD (93 min).

KADELBACH, Gerd. Prefácio. *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 7-10.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007.

LOUREIRO, Robson. Adorno e o cinema: a conversa continua. *In*: LOUREIRO, Robson; ZUIN, Antonio Álvaro Soares (Orgs.). **A Teoria crítica vai ao cinema**. Vitória: Edufes, 2010. p. 53-84.

MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020. p. 11-29.

MAIA, Ari Fernando; SILVA, Divino José da; BUENO, Sinésio Ferraz. Introdução. *In*: MAIA, Ari Fernando; SILVA, Divino José da; BUENO, Sinésio Ferraz. **10 lições sobre Horkheimer**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 7-12.

MAIA, Ari Fernando; SILVA, Divino José da; BUENO, Sinésio Ferraz. Primeira lição – Max Horkheimer: vida e obra. *In*: MAIA, Ari Fernando; SILVA, Divino José da; BUENO, Sinésio Ferraz. **10 lições sobre Horkheimer**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 13-20.

MAIA, Ari Fernando; SILVA, Divino José da; BUENO, Sinésio Ferraz. Segunda lição – Teoria Crítica como materialismo interdisciplinar. *In*: MAIA, Ari Fernando; SILVA, Divino José da; BUENO, Sinésio Ferraz. **10 lições sobre Horkheimer**. Petrópolis: Vozes, 2017. p.21-29.

PASSAMANI, Eliana Pauleski; GALUCH, Maria Terezinha Bellanda. Alternativas didático-pedagógicas para a prevenção do preconceito e *bullying* na escola. **Cadernos PDE**, v. 1, p. 1-18, 2016.

PATTO, Maria Helena Souza. O ensino a distância e a falência da educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 303-318, abr./jun. 2013.

ROCHA, Telma. Bullying em debate na escola através do cinema. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 12, n. 2, p. 302-317, maio/ago. 2020.

SANTOS, Ana Paula Toppan dos. **A presença do bullying na mídia cinematográfica como contribuição para a educação**. 2009. 107f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Mídia e Cultura) – Faculdade de Comunicação e Educação, Universidade de Marília, Marília, 2009.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: do início aos dias atuais. *In*: SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015. p. 113-129.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Revisão sistemática da literatura sobre intervenções antibullying em escolas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 7, p. 2329-2340, 2017.

TERUYA, Teresa Kazuko; CARVALHO, Natalia Hernandes. Crimes e fenômeno *bullying* na escola: imagens do cinema como fonte de pesquisa. **Imagens da Educação**, v. 2, n. 2, p. 41-48, 2012.

VENTURA, Alexandre; VICO, Beatriz Pedrosa; VENTURA, Rosângela. *Bullying* e formação de professores: contributos para um diagnóstico. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 93, p. 990-1012, 2016.

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. Introdução. *In*: ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. **10 lições sobre Adorno**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 7-10.